



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

**SOBRE A CATEGORIA GRAMATICAL “VERBO” NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS E
METODOLÓGICAS**

Laryssa Vitória Santana

Brasília, abril de 2020
Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Laryssa Vitória Santana

**SOBRE A CATEGORIA GRAMATICAL “VERBO” NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS E
METODOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloisa Nascimento Silva Pilati

Brasília, abril de 2020

L232s Laryssa, SANTANA
Sobre a categoria gramatical "verbo" na educação básica:
investigações conceituais e metodológicas / SANTANA Laryssa;
orientador Eloisa Pilati. -- Brasília, 2020.
95 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Verbo. 2. Ensino. 3. Gerativismo. I. Pilati, Eloisa,
orient. II. Título.

Laryssa Vitória Santana

**SOBRE A CATEGORIA GRAMATICAL “VERBO” NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS E
METODOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eloisa Nascimento Silva Pilati

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Eloisa Silva Nascimento Pilati (UnB) – orientadora

Prof. Dr. Julio William Curvelo Barbosa (Unespar) – membro externo

Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Maria Moreira Lima Salles (UnB) – membro interno

Prof^ª. Dr^ª. Rozana Naves Reigota (UnB) – suplente

Brasília, abril de 2020

Provavelmente já chegou o dia em que não terei nada mais a dizer.
José Saramago

RESUMO

O diálogo entre estudos linguísticos e educação em língua materna tem sido defendido por vários pesquisadores nas últimas décadas, tais como Lobato (2014 [2003]); Bechara (2006); Eliseu (2008); Franchi (2006); Vieira & Brandão (2008); Pilati et al. (2011); Pilati (2017), entre muitos outros. Neste trabalho, também nos propomos a fazer reflexões sobre essa relação, tendo como foco o ensino das classes gramaticais, especificamente a do verbo, nos livros didáticos de língua portuguesa na educação básica. As questões que norteiam a pesquisa são investigações de natureza teórica e metodológica. As de natureza teórica buscam investigar o conceito de verbo nas gramáticas tradicionais, nos livros didáticos, da educação básica ao ensino médio, e em pesquisas linguísticas. Já as questões de natureza metodológica investigam, sob a ótica da Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956; WILSON, 2001), os níveis e operações cognitivas que as atividades sobre os verbos atingem nos materiais didáticos usados na escola. As perguntas que norteiam a presente pesquisa são, portanto, as seguintes 1) Qual a definição de verbo apresentada nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua portuguesa analisados? 2) Qual ou quais os critérios (morfológico, semântico e/ou funcional) utilizados nos livros didáticos para apresentar essa classe gramatical? 3) Qual a sequência didática apresentada nos livros didáticos de língua portuguesa para abordar a classe “verbo”? 4) Quais níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais estão presentes nas atividades dos materiais didáticos? 5) A conceituação da categoria gramatical “verbo” varia de acordo com o nível de escolaridade? Dessa forma, a metodologia dessa pesquisa consistirá na revisão bibliográfica dos estudos de Camara Jr. (2015 [1970]); Pinilla (2016); Minussi (2019); na análise de livros didáticos do ensino fundamental I, II e médio e na análise de algumas gramáticas tradicionais e pesquisas linguísticas. Os livros selecionados foram – fundamental I: *Projeto Buriti*, da editora Sanchez (2014); *Crescer*, de Corrêa & Moreira (2017). Ensino fundamental II: *Português – Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2012); e a edição da obra de Cereja & Dias Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – de Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, de Costa et al. (2015). Ensino médio: *Português: língua e cultura*; de Faraco (2005); *Português Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2008); e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja, Dias Vianna e Damien (2016). Já as gramáticas a serem analisadas são: *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008); *Gramática do português contemporâneo*, de Cunha (2017 [1984]); *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara

(2009 [1999]); *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2003); e *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2016). Os resultados encontrados nesta pesquisa comprovam que i) as gramáticas tradicionais apresentam os três critérios apontados por Mattoso (1970): funcional, morfológico e semântico; ii) em grande parte dos livros didáticos, existe uma definição comum para o verbo, sendo ela: “verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza”. Essa definição dá preferência ao critério semântico, seguido do critério morfológico; já o critério sintático foi encontrado em apenas um livro didático de todos os analisados; iii) não há distinção do conceito de verbo de acordo com a série escolar nem ao ano de publicação; iv) os exercícios analisados nos livros didáticos apresentam perguntas que podem induzir o leitor a definir o verbo como um processo que indica ação, sem levar o estudante a raciocinar sobre propriedades morfológicas e funcionais desta classe; v) em relação à Taxonomia dos Objetivos Educacionais, foi notado que apenas o primeiro nível do domínio cognitivo – *lembrar* – é o mais abordado nos materiais didáticos, o que sugere níveis de desenvolvimento cognitivo muito básicos nas aulas de classes de palavras. É preciso, portanto, de uma reformulação do conceito de verbo nos livros didáticos.

Palavras-chave: Verbo. Língua Portuguesa. Ensino. Gerativismo.

ABSTRACT

The dialogue between linguistic studies and first language education has been advocated by several researchers in recent decades, such as Lobato (2014 [2003]); Bechara (2006); Eliseu (2008); Franchi (2006); Vieira & Brandão (2008); Pilati et al. (2011); Pilati (2017), among many others. In this work, we also propose to reflect on this relationship, focusing on the teaching of grammatical classes, specifically from the verb, in textbooks of Portuguese language in basic education. The questions that guide the research are investigations of a theoretical and methodological nature. Those of a theoretical nature seek to investigate the concept of verb in traditional grammars, textbooks, from basic education to high school, and in linguistic research. On the other hand, questions of a methodological nature investigate, from the perspective of the Taxonomy of Educational Objectives (BLOOM, 1956; WILSON, 2001), the levels and cognitive operations that activities on verbs reach in didactic materials used at school. The questions that guide the present research are, therefore, the following 1) What is the definition of verb presented in the traditional grammars and in the Portuguese language textbooks analyzed? 2) What or what criteria (morphological, semantic and /or functional) used in textbooks to present this grammatical class? 3) What is the didactic sequence presented in the Portuguese language textbooks to address the “verb” class? 4) What levels of Taxonomy of Educational Objectives are present in the activities of teaching materials? 5) Does the conceptualization of the grammatical category “verb” vary according to the level of education? Thus, the methodology of this research will consist of a bibliographic review of the studies by Camara Jr. (2015 [1970]); Pinilla (2016); Minussi (2019); in the analysis of textbooks of elementary school I, II and high school and in the analysis of some traditional grammars and linguistic research. The selected books were - Elementary I: *Projeto Buriti*, by the publisher Sanchez (2014); *Crescer*, by Corrêa & Moreira (2017). Elementary school II: *Português – Linguagens*, by Cereja & Magalhães (2012); and the edition of the work by Cereja & Dias Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – by Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, by Costa et al. (2015). High school: *Português: língua e cultura*; by Faraco (2005); *Português Linguagens*, by Cereja & Magalhães (2008); and *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, by Cereja, Dias Vianna and Damien (2016). The grammars to be analyzed are: *Nova gramática do Português contemporâneo*, by Cunha & Cintra (2008); *Gramática do Português contemporâneo*, by Cunha (2017 [1984]); *Moderna gramática Portuguesa*, by Bechara (2009 [1999]); *Gramática escolar*

da língua portuguesa, by Bechara (2003); and *Nova gramática do Português brasileiro*, by Castilho (2016). The results found in this research prove that i) the traditional grammars present the three criteria pointed out by Mattoso (1970): functional, morphological and semantic; ii) in most textbooks, there is a common definition for the verb, which is: "verb is the word that indicates action, state or phenomenon of nature". This definition gives preference to the semantic criterion, followed by the morphological criterion; the syntactic criterion was found in only one textbook of all analyzed; iii) there is no distinction between the concept of verb according to the school grade or the year of publication; iv) the exercises analyzed in the textbooks present questions that can induce the reader to define the verb as a process that indicates action, without leading the student to reason about the morphological and functional properties of this class; v) in relation to the Taxonomy of Educational Objectives, it was noted that only the first level of the cognitive domain – *remember* – is the most addressed in the teaching materials, which suggests very basic levels of cognitive development in word classes. Therefore, it is necessary to reformulate the concept of the verb in textbooks.

Keywords: Verb. Portuguese language. Teaching. Gerativism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Critérios propostos por Camara Jr. (2015 [1970]) e Pinilla (2016) para a classificação das classes de palavras.....	29
Tabela 2 – Proposta de Minussi (2019) para o estudo das classes de palavras.	29
Tabela 3 – Verbos de cada nível do domínio cognitivo com base em Ferraz & Belhot (2010).	38
Tabela 4 - Níveis dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor.	42
Tabela 5 – Definição de verbo de acordo com Cunha & Cintra (2008).	49
Tabela 6 – Comparação entre as gramáticas de Cunha & Cintra (2008) e de Cintra (2017).	51
Tabela 7 – Definição de verbo de acordo com Cunha (2017).	51
Tabela 8 – Definição de verbo de acordo com Bechara (2009 [1999]).	53
Tabela 9 – Comparação entre as gramáticas de Bechara (2009 [1999]) e Bechara (2003).	54
Tabela 10 – Definição de verbo de acordo com Bechara (2003).	54
Tabela 11 – Definição de verbo de acordo com Castilho (2016).	57
Tabela 12 – Quadro comparativo das definições de verbos encontradas nas gramáticas analisadas.....	58
Tabela 13 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 4º ano.	64
Tabela 14 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo. ...	64
Tabela 15 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 5º ano.	69
Tabela 16 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo. ...	70
Tabela 17 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 6º ano.	74
Tabela 18 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo. ...	74
Tabela 19 – Definição de verbo do 7º ano.	77
Tabela 20 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo. ...	77
Tabela 21 – Comparação da definição de verbo dos livros do 2º ano.	83
Tabela 22 - Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.....	83
Tabela 23 – Quadro comparativo das definições de verbo encontradas nos livros didáticos de língua portuguesa com a análise dos critérios abordados.	85
Tabela 24 - Níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais aplicados no capítulo de verbo dos livros didáticos analisados.	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama comparativo da Taxonomia de Bloom.	33
Figura 2 – Níveis do domínio afetivo.	39
Figura 3 – Taxonomia do Domínio Psicomotor.	41
Figura 4 - Tirinha Garfield.	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Capítulo 1 – Pressupostos teóricos: linguística e ensino de línguas	20
1.1 Pressupostos linguísticos para análise do verbo 21	
1.1.1 <i>Estrutura da Língua Portuguesa</i> , Camara Jr. (2015 [1970])	21
1.1.2 <i>Classe de palavras</i> , Maria da Aparecida de Pinilla (2016)	23
1.1.3 <i>Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo</i> , Rafael Minussi (2019)	25
1.1.4 Considerações parciais	28
1.2 Taxonomia de Objetivos Educacionais	30
1.2.1 Panorama da Taxonomia de Objetivos Educacionais	30
1.2.2 Taxonomia do Domínio Cognitivo	32
1.2.2.1 <i>Conhecimento</i> ou <i>Lembrar</i>	34
1.2.2.2 <i>Compreensão</i> ou <i>Entender</i>	34
1.2.2.3 <i>Aplicação</i> ou <i>Aplicar</i>	35
1.2.2.4 <i>Análise</i> ou <i>Analisar</i>	36
1.2.2.5 <i>Síntese</i> ou <i>Sintetizar</i>	36
1.2.3 Taxonomia do Domínio Afetivo	38
1.2.4 Taxonomia do Domínio Psicomotor	40
1.2.5 Considerações parciais	42
Capítulo 2 – O verbo nas gramáticas tradicionais: estudo comparativo	45
2.1.1 <i>Nova gramática do português contemporâneo</i> , Cunha & Cintra (2008).....	45
2.1.2 <i>Gramática do português contemporâneo</i> , Cunha (2017).....	50
2.1.3 <i>Moderna gramática portuguesa</i> , Bechara (2009 [1999]).....	52
2.1.4 <i>Gramática escolar da Língua Portuguesa</i> , Bechara (2003).....	54
2.1.5 <i>Nova gramática do português contemporâneo</i> , Castilho (2016).....	55
2.1.6 Considerações parciais	57
Capítulo 3 – O verbo nos livros didáticos: estudo comparativo.....	60
3.1 Livros didáticos do 4º ano	61
3.1.1 <i>Projeto Buriti</i> , Sanchez (2014)	61
3.1.2 <i>Crescer</i> , Corrêa & Moreira (2017).....	62
3.2.1 <i>Projeto Buriti</i> , Sanchez (2014b)	65

3.2.2 <i>Crescer</i> , Corrêa & Moreira (2017).....	67
3.3.1 <i>Português Linguagens</i> , Cereja & Magalhães (2012)	70
3.4 Livros didáticos do 7º ano	74
3.4.1 <i>Para viver juntos</i> , Costa et al. (2015).....	74
3.5.1 <i>Português: língua e cultura</i> , Faraco (2005)	77
3.5.2 <i>Português Linguagens</i> , Cereja & Magalhães (2008)	79
3.5.3 <i>Português Linguagens</i> , Cereja; Dias Vianna; Damien (2016)	80
3.6 Considerações parciais	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

O diálogo entre estudos linguísticos e educação em língua materna tem sido defendido por vários pesquisadores nas últimas décadas, tais como Lobato (2014 [2003]); Bechara (2006); Eliseu (2008); Franchi (2006); Vieira & Brandão (2008); Pilati et al. (2011); Pilati (2017), entre muitos outros. Esta dissertação também se dedica a fazer reflexões sobre essa relação, tendo como foco o ensino das classes gramaticais, especificamente a do verbo, nos livros didáticos de língua portuguesa na educação básica.

Pilati et al. (2011) apontam como a metodologia tradicional do ensino de gramática não acompanha as pesquisas linguísticas. Com isso, há a “falta de sistematicidade na formulação das definições encontradas nas gramáticas tradicionais” (p. 404). Não há mecanismos que despertem o conhecimento inato da criança para que ela sinta vontade de aprender gramática.

Esta dissertação segue a linha iniciada por Lobato (2014 [2003]), em que a autora defende que os conhecimentos da Teoria Gerativa, de Noam Chomsky, podem ser muito úteis na escola. Lucia Lobato (2015, p. 16-17) nos explica como usar esse conhecimento inato:

Num certo sentido, gramática é algo estático – é um conjunto de descrições a respeito de uma língua. É nesse sentido que a palavra é usada quando dizemos ‘a gramática do Celso Cunha’, ‘a gramática do Rocha Lima’. Cada uma dessas gramáticas tem suas propriedades específicas. A de Rocha Lima é tida em geral como a mais normativa das três. A de Celso Cunha já é não-normativa, mas compartilha com a de Rocha Lima o caráter taxionômico, porque arrola fatos e regras de estrutura linguística. Um exemplo disso é o capítulo dessas gramáticas sobre conjunções e tipos de orações. São apresentadas uma lista de conjunções coordenativas e subordinativas e uma lista de orações coordenadas e subordinadas. De qualquer modo, gramática nesse sentido é um compêndio com descrições de uma língua.

Num outro sentido, gramática tem caráter dinâmico e corresponde a um construto mental, que cada membro da espécie humana desenvolve, desde que exposto a dados da língua em questão, já que se trata aqui de gramática de uma língua. [...] Quando se começa a refletir sobre fatos de língua, fica claro que os seres humanos nascem com uma estrutura mental organizada de tal modo que torna a aquisição de língua algo inevitável, inexorável. Podemos chamar essa estrutura mental inata de diferentes nomes. Muitos usam as expressões gramática universal, faculdade de linguagem ou dispositivo de aquisição de língua.

Além disso, os fundamentamos do princípio da Metodologia Linguística Ativa, de Pilati (2017), que defende que, para uma educação linguística efetiva, os conhecimentos devem dialogar com a gramática tradicional e com as ciências cognitivas são objetos que pautam esta pesquisa. Pilati organiza sua proposta articulando os conhecimentos da teoria

linguística aos seguintes princípios propostos por Bransford et al. (2007), para aprendizagem em geral:

- i) Levar em consideração o conhecimento prévio do aluno;
- ii) Desenvolver o conhecimento profundo dos fenômenos estudados;
- iii) Promover a aprendizagem ativa, por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

A presente dissertação pretende contribuir com o segundo princípio dos listados acima, a partir da investigação da possibilidade de os livros didáticos estarem proporcionando aos estudantes possibilidades de desenvolver conhecimentos profundos sobre o tema. Para Pilati (2017, p. 107), conhecimentos gramaticais têm sido ensinados de forma muito superficial e é necessário pensar em uma metodologia que privilegie a reflexão dos estudantes:

Por meio do emprego de conceitos adequados acerca dos fenômenos linguísticos e com o uso de uma metodologia que valorize a reflexão, os alunos poderão entender o que está em jogo na formação de uma oração e no uso dos recursos gramaticais para a organização e expressão do pensamento. Em relação à compreensão profunda do assunto, é importante frisar que, dentro da metodologia proposta, os fatos linguísticos são apresentados para os alunos num nível crescente de complexidade. A ideia básica é a de que tratar vários temas de forma superficial parece ser uma maneira inadequada de ajudar os estudantes a desenvolver competências que garantam o aprendizado.

Nesta dissertação, portanto, haverá o aprofundamento em uma das formas possíveis de avaliar níveis crescentes de complexidade e a análise do ensino do verbo. Isso porque, na educação básica, um dos primeiros conteúdos com os quais os alunos se deparam é o ensino das classes gramaticais. Esse tema tem sido objeto de pesquisa, tais como Camara Jr. (2015 [1970]); Lobato (2013); Pilati et al. (2011); Oliveira (2016); Minussi (2019), entre outros. Tais autores propõem a conciliação de três critérios para definir a classe de palavras, sendo eles: *semântico*, *formal* ou *mórfico* e *funcional* ou *sintático*.

Devido à importância do ensino das classes de palavras na educação básica, a presente pesquisa é composta por questões conceituais e metodológicas. Dessa forma, as questões de natureza conceitual têm como objetivo verificar de que forma a categoria gramatical “verbo” tem sido abordada nos livros didáticos de língua portuguesa e nas gramáticas tradicionais. Além disso, pretende-se avaliar se existe alguma diferença no conceito de verbo em relação ao nível de escolaridade e ao ano de publicação. Ademais, verifica-se qual ou quais critérios (semântico, formal ou mórfico e funcional) são

utilizados para definir o verbo. Já com as questões metodológicas, o intuito da pesquisa é o de analisar quais níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais estão envolvidos nas atividades propostas nos materiais didáticos. A partir disso, cinco perguntas norteiam esta pesquisa:

1. Qual a definição de verbo apresentada nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua portuguesa analisados?
2. Qual ou quais os critérios (morfológico, semântico e/ou funcional) utilizados nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos para apresentar essa classe gramatical?
3. Qual a sequência didática apresentada nos livros didáticos de língua portuguesa para abordar a classe “verbo”?
4. Quais níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais estão presentes nas atividades sobre verbos dos materiais didáticos?
5. A conceituação da categoria gramatical “verbo” varia de acordo com o nível de escolaridade?

Assim sendo, a literatura utilizada neste estudo foi a de Camara Jr. (2015 [1970]), *Estrutura da Língua Portuguesa*, a qual sugere a classificação das classes de palavras com base nos critérios *semântico*, *formal* ou *mórfico* e *funcional*, bem como o critério morfossemântico, que aborda a ligação que existe entre o critério semântico e mórfico. Em seguida, o artigo de Maria da Aparecida Pinilla (2016), *Classe de palavras*, que também considera a importância dos três critérios em voga. Pinilla (2016) inova ao sugerir como deveriam ser as definições das dez classes de palavras com base nos critérios semântico, mórfico e funcional.

Além disso, consideramos o estudo de Rafael Minussi (2019), *Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo*, pois apresenta uma grande contribuição para os estudos linguísticos. Assim, Minussi (2019) destaca a importância dos critérios semântico, mórfico e funcional, também apresenta a Morfologia Distribuída como um modelo para as definições de classes de palavras.

Por fim, a pesquisa de Benjamin Bloom (1956), *Taxonomy of educational objectives*, compõe o suporte metodológico do presente estudo. Bloom (1956) apresentou níveis e domínios (cognitivo e afetivo) com o fito de haver uma “linguagem comum” no meio educacional, a fim de descartar divergências no ensino. Observamos, então, quais níveis do domínio cognitivo (*conhecimento* ou *lembrar*; *compreensão* ou *entender*; *aplicação* ou *aplicar*; *análise* ou *analisar*; *síntese* ou *sintetizar*; *avaliação* ou *criar*) são abordados nos exercícios de verbo dos livros didáticos de língua portuguesa.

A razão da escolha da Taxonomia dos Objetivos Educacionais foi a publicação do novo documento normativo que direciona a educação pública e privada no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que pauta as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Dez competências pautam a BNCC, mas a segunda merece maior destaque em nossa pesquisa, porque se relaciona com nosso tema:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p. 9).

O tema dessa dissertação envolve o estudo da definição de verbo; das dez classes de palavras, escolhemos como objeto de pesquisa apenas o verbo, porque não há tempo hábil para analisar todas as classes em um Mestrado. Com isso, propomo-nos a realizar um estudo comparativo nas gramáticas tradicionais *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008); *Gramática do português contemporâneo*, de Cunha (2017 [1984]); *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009 [1999]); *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2003); e *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2016).

Além disso, a análise comparativa também será feita nos livros didáticos em língua portuguesa, sendo eles do fundamental I: *Projeto Buriti*, da editora Sanchez (2014); *Crescer*, de Corrêa & Moreira (2017). Ensino fundamental II: *Português – Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2012); e a edição da obra de Cereja & Dias Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – de Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, de Costa et al. (2015). Ensino médio: *Português: língua e cultura*; de Faraco (2005); *Português Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2008); e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja, Dias Vianna e Damien (2016).

Especificamente em relação aos verbos, o que tem sido observado é que existe uma necessidade de reformulação dos conceitos das classes de palavras nos livros didáticos de língua portuguesa, pois, nos conceitos coletados, existe uma explicação imprecisa, que ora privilegia o critério semântico, ora o morfológico. Esse problema pode interferir no processo de aprendizagem do aluno, uma vez que é possível encontrar mais de uma interpretação em um conceito exposto. Além disso, o primeiro nível do domínio cognitivo, *lembrar*, compõe grande parte dos exercícios de verbo nos livros didáticos.

Levando em consideração que o verbo indica ação, como se explicariam dados em que ocorre a nominalização deverbal:

*A destruição do prédio foi rápida.
A matança dos animais é sempre triste.
O discurso do João não foi legal.¹*

cuja ação é expressa por um nome, não por um verbo? Haverá brechas se definirmos que o verbo indica ação. Assim, o que falta nas definições é que os autores explorem, por exemplo, “o paradigma flexional rico dos verbos e a distribuição deles em relação a outros termos da oração” (GUERRA VICENTE; PILATI, 2016, p. 6-7).

Este trabalho é composto por três capítulos. No Capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos de nossa pesquisa, sendo divididos em duas seções. Na primeira seção, são abordadas as questões linguísticas e as questões metodológicas. Na segunda seção, é feito um panorama da Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956). Na seção 1.1, são expostos os pressupostos linguísticos para a análise do verbo. Mostramos, na seção 1.1.1, os pressupostos da obra de Camara Jr. (2015 [1970]), *Estrutura da Língua Portuguesa*. Dando continuidade aos pressupostos linguísticos, na seção 1.1.2, há o estudo de Pinilla (2016), *Classe de Palavras*, autora que considera a necessidade de utilizar os critérios semântico, mórfico e funcional na definição das classes de palavras. Já na seção 1.1.3, o artigo de Minussi (2019), *Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo*, é o objeto de análise. Minussi (2019) apresenta a Morfologia Distribuída como uma contribuição importante para o estudo das classes de palavras.

Na seção 1.2, iniciamos os pressupostos metodológicos com os três domínios da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, começamos com um panorama da Taxonomia na seção 1.2.1. Em seguida, a Taxonomia do Domínio Cognitivo é apontada na seção 1.2.2, sendo explanados, nas seções 1.2.2.1 a 1.2.2.6, os seis níveis do domínio cognitivo, os quais são: conhecimento ou lembrar; compreensão ou entender; aplicação ou aplicar; análise ou analisar; síntese ou sintetizar; e avaliação ou criar, respectivamente. Na seção 1.2.3, apresenta-se a Taxonomia do Domínio Afetivo. Logo depois, na seção 1.2.4, a Taxonomia do Domínio Psicomotor é descrita. Finaliza-se o capítulo com algumas considerações sobre o que foi apresentado e discutido.

¹ Exemplos retirados de FERRAREZI JR., 2014, p. 56.

No capítulo 2, é feito o estudo comparativo dos verbos nas gramáticas tradicionais. Na seção 2.1, analisa-se as gramáticas selecionadas, iniciamos, na seção 2.1.1, com a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008). Na seção 2.1.2, temos *Gramática do português contemporâneo*, de Cunha (2017 [1984]). Em seguida, é colocada em pauta a *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009 [1999]), comparada com a *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2003), na seção 2.1.4. Já na seção 2.1.5, apresenta-se a *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2016). Finaliza-se o capítulo com algumas considerações sobre o que foi apresentado e discutido.

No capítulo 3, é feita a análise dos livros didáticos em língua portuguesa, além da avaliação de quais domínios da Taxonomia dos Objetivos Educacionais são abordados nos exercícios expostos no capítulo de verbo. Inicia-se o estudo comparativo na seção 3.1 com os livros do 4º ano. Na seção 3.2, é realizada a análise dos livros do 5º ano. Em seguida, na seção 3.3, há os livros do 6º ano. Já na seção 3.4, é dada continuidade ao estudo com os materiais didáticos do 7º ano. Por fim, na seção 3.5, a análise é concluída com os livros do 2º ano do Ensino Médio. Estabelece-se, em seguida, algumas considerações sobre o que foi discutido e analisado. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

Capítulo 1 – Pressupostos teóricos: linguística e ensino de línguas

O objetivo deste capítulo é analisar estudos linguísticos sobre ensino de classes de palavras, para dar o suporte teórico necessário para a presente pesquisa sobre o verbo. A fim de traçar o panorama teórico brasileiro sobre ensino de classes gramaticais, este capítulo é dividido em duas seções. A primeira seção aborda as questões linguísticas sobre ensino de classes de palavras. A segunda apresenta as questões metodológicas, com um panorama da Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956; ANDERSON & KRATHWOHL, 1999). O critério de escolha desses materiais foi que abordasse conteúdos relacionados ao ensino das classes de palavras, envolvendo os critérios semântico, mórfico e funcional. Além disso, a Taxonomia dos Objetivos Educacionais associada à Base Nacional Comum Curricular, fornece as diretrizes para o aprimoramento do meio educacional, a fim de estabelecer uma linguagem comum para os educadores.

Na parte que se refere às questões linguísticas, são expostas as contribuições de Joaquim Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]), da obra *Estrutura da Língua Portuguesa*. Nessa obra, o autor propõe a classificação dos vocábulos formais a partir de critérios denominados critério *semântico*, *formal* ou *mórfico* e *funcional*. Em seguida, são analisadas as contribuições de Maria da Aparecida de Pinilla (2016), no artigo *Classe de palavras*, a autora também sugere e define as classes de palavras com base nos mesmos três critérios apresentados por Camara Jr. (2015 [1970]). Além disso, em *Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo*, Rafael Minussi (2019) contribuiu para o avanço dos estudos linguísticos. O autor, além de não descartar a importância dos critérios semântico, mórfico e funcional, também apresenta uma proposta de ensino das classes de palavras com base em pressupostos da Morfologia Distribuída.

Na segunda seção deste capítulo, apresenta-se uma revisão da Taxonomia dos Objetivos Educacionais. Essa Taxonomia foi proposta por Benjamin Bloom, em 1956, com o intuito de gerar uma “linguagem comum” no meio educacional, para organizar o processo de ensino-aprendizagem. As obras utilizadas para introduzir esse tema foram *Taxonomy of educational objectives*, de Benjamin Bloom (1956); *Taxonomia dos objetivos educacionais – sessenta anos depois*, de Cipriano Luckesi (2011); e *A taxonomia de objetivos educacionais*, de José Florêncio Rodrigues Júnior (2016).

A Taxonomia dos Objetivos Educacionais é composta por três domínios – o *cognitivo*, o *afetivo* e o *psicomotor*. Observa-se, assim, que o ensino das classes de

palavras também precisa de uma metodologia que envolva uma “linguagem comum”, ou seja, para que todos os professores sigam um mesmo modelo para guiar e aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, há a importância de relacionar esta pesquisa com Taxonomia dos Objetivos Educacionais. Dessa forma, a base metodológica deste estudo é a proposta de definição da classe de palavras a partir dos critérios *semântico*, *morfológico* e *funcional* e a classificação hierárquica da Taxonomia dos Objetivos Educacionais.

1.1 Pressupostos linguísticos para análise do verbo

Esta seção é composta pelos pressupostos linguísticos que norteiam esta pesquisa, a começar com *Estrutura da Língua Portuguesa* - Joaquim Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]); seguido do artigo *Classe de palavras*, de Maria da Aparecida de Pinilla (2016); finalizado com o estudo *Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo*, Rafael Minussi (2019). Essas obras relatam como são as definições das classes de palavras e quais ajustes deveriam ser feitos. Por fim, foi preciso fazer um recorte metodológico nas classes de palavras, com o foco apenas no Verbo, uma vez que analisar as dez classes demanda tempo que uma pesquisa de Mestrado não dispõe. Passemos, então, para o estudo de Mattoso Camara Jr.

1.1.1 *Estrutura da Língua Portuguesa*, Camara Jr. (2015 [1970])

Joaquim Mattoso Camara Júnior, em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, publicada em 1970, apresentou três critérios para classificar os vocábulos formais² de uma língua: o critério semântico; o critério formal ou mórfico; e o critério funcional. O critério semântico é baseado na significação dos vocábulos a partir do universo biossocial. O critério formal se refere à forma gramatical que o vocábulo pode ter. Por fim, o critério funcional é relacionado à função ou ao papel que o vocábulo desempenha na sentença. Para reforçar o que o autor apresentou:

² Entende-se por vocábulo formal a representação do vocábulo na escrita; “é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres”. Um exemplo dessas formas são as palavras *luz* (forma livre indivisível) ou *feliz* (forma livre). Já a forma presa depende de outro vocábulo para ser compreensível: *in* + feliz, sendo *in* a forma presa. Essa classificação para as unidades formais da língua foi estabelecida por Leonard Bloomfield, em 1933. (CAMARA JR., 2015[1970], p.69).

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outra, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 77).

A partir disso, Camara Jr. apontou, inicialmente, que os critérios semântico e mórfico se relacionam, pois o sentido depende da forma, mas o critério morfológico está mais ligado ao semântico do que ao morfológico – “o sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma” (CAMARA JR. 2015 [1970], p.77). Essa relação de dependência foi denominada de critério compósito, ou morfossemântico, o que Camara Jr. acredita ser a base da classificação dos vocábulos.

Existe também a classificação funcional: “em face dessa divisão morfossemântica, a classificação funcional subdivide nomes e pronomes pela sua função na comunicação linguística” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 78). Assim, o substantivo tem como função “o nome ou pronome tratado como centro de uma expressão, ou termo determinado” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 78). O adjetivo, por sua vez, é o nome ou pronome que tem a função de “termo determinante” e “modifica um nome substantivo ou tratado como determinado” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 79).

Para Camara Jr., os vocábulos formais se dividem em nomes, verbos e pronomes, sendo que, de acordo com a semântica, os nomes se referem às “coisas” ou aos seres. Já os verbos estão ligados aos “processos”. Essa divisão tem sido refutada, uma vez “que não é possível separar no universo biossocial os seres e os processos” (CAMARA JR., 2015, p. 78). Com isso, alguns nomes como *viagem*, *juízo* ou *consolação* podem ser processos, mas, na língua, esses vocábulos são abordados como nomes relacionados a coisas. Então, os processos não estão relacionados, obrigatoriamente, aos verbos, existe também a nominalização, a qual será explanada mais à frente.

Essa oposição entre forma e semântica separa o nome do verbo. Aquele pode ser acompanhado por um artigo, ser pluralizado e ter distinção de gênero. Já o verbo “apresenta as noções gramaticais, e morfemas gramaticais correspondentes, de tempo e modo, referentes a si mesmos, e de pessoa referente ao seu sujeito, ou ser a que ele é associado como ponto de partida do processo que designa” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 78). Camara Jr. ilustra essa oposição com o seguinte exemplo, o /S/ no nome *cantos* se

refere ao plural, enquanto o /S/ em *cantas* caracteriza a 2ª pessoa do plural. Assim, um único morfema pode ter significações diferentes em um nome e em um verbo.

Dessa forma, o verbo pode se flexionar de acordo com o tempo, modo, pessoa e número. Entretanto, como será verificado mais à frente, o verbo é muitas vezes definido apenas segundo o critério semântico. Assim sendo, classificar o verbo de acordo apenas com o critério semântico “é talvez onde melhor se evidencia a incapacidade dos métodos da gramática tradicional para fazer justiça a uma interpretação adequada ao sistema gramatical português” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 97). Como acréscimo:

O estudo dos empregos das formas verbais, que é tradicional nas gramáticas portuguesas, nas linhas desenvolvidas pelo trabalho clássico de Epifânio da Silva Dias (DIAS, 1918: 181s), tem sido o de fixar cada emprego concretamente, sem cogitar de apreender em cada forma uma significação geral, que, quando muito, é admitida como uma abstração, no fundo desnecessária (CAMARA JR., 2015[1970], p. 97).

Nesse sentido, Camara Jr. enfatiza que é necessário “um novo tratamento descritivo. Ainda aqui é preciso fugir da memorização pura e simples, que *é o mais inconveniente meio de aprender*” (CAMARA JR., 2015 [1970], p. 111, grifo nosso). Essa proposta se aplica para o ensino das classes de palavras e das regras gramaticais, pois tem sido o método que os alunos mais utilizam para tentar obter uma boa nota na prova. Entretanto, se o conhecimento for apenas decorado, ele pode ser esquecido rapidamente, já que não ocorre a fixação do conteúdo.

Com isso, Camara Jr. (2015 [1970]) propôs a classificação dos vocábulos formais a partir dos critérios semântico, formal ou mórfico e funcional. Os dois primeiros critérios formam o critério compósito, uma vez que a forma e a semântica estão intrinsecamente relacionadas. Já o critério funcional aborda a questão da função que a classe desempenha na sentença, sendo ilustrado pelo substantivo e pelo adjetivo.

1.1.2 *Classe de palavras*, Maria da Aparecida de Pinilla (2016)

No artigo *Classe de palavras*, Maria da Aparecida de Pinilla (2016) tem como objetivo analisar como tem sido o estudo das classes de palavras, além de propor novas abordagens para a classificação das classes.

Mesmo sendo um assunto comumente estudado, as definições das classes de palavras ainda apresentam falhas: “a partir de consultas a programas escolares e a livros didáticos, nota-se que, muitas vezes, o estudo das classes se restringe a um conhecimento

de nomenclatura apenas” (PINILLA, 2016, 169). Além disso, Pinilla também critica a desorganização que acontece no ensino sobre as classes: “apesar de bastante abordado na escola, o tema parece não ser criteriosamente tratado: ora ocorre mistura de critérios, ora faltam critérios” (PINILLA, 2016, p. 170). Não há uma homogeneidade a respeito da definição das classes de palavras.

O problema é que, em geral, a definição de cada classe não leva em conta os mesmos critérios, o que resulta em definições confusas, privilegiando ora um, ora outro critério. Na maioria dos casos, a classificação se apoia basicamente no critério semântico, *complementado às vezes* pelo critério morfológico (PINILLA, 2016, p. 172, grifo nosso).

Dessa forma, a autora destaca os mesmos problemas teóricos e metodológicos apontados por Camara Jr. na década de 70. Tal restrição se refere à predominância do critério semântico nas definições; em todas, ele está presente, geralmente sendo acompanhado do critério morfológico.

Com o objetivo de contribuir para a solução dos problemas relativos ao ensino das classes de palavras, Pinilla (2016) propõe que o ensino das classes de palavras na educação básica seja baseado nos três critérios – funcional, mórfico e semântico –, tal como fez Camara Jr., sendo a do verbo:

Funcional (função ou papel na oração): palavra que funciona como especificador do núcleo de uma expressão ou como termo determinado.

Mórfico (caracterização da estrutura da palavra): palavra formada por morfema lexical (base de significação) e morfemas gramaticais.

Semântico (modo de significação: extralinguístico e intralinguístico): palavra que indica um processo (ações, estados, passagem de um estado a outro). Processo verbal: fenômeno em desenvolvimento, com indicação temporal (PINILLA, 2016, p. 178).

A autora afirma que a falta de padronização no uso dos critérios prejudica o ensino das classes de palavras. O critério semântico é o mais utilizado, mas ele, por si só, é insuficiente, por isso a proposta da autora é “definir cada uma [classe] utilizando os três critérios, funcional, mórfico e semântico, que, conjugados, acabam por estabelecer as diferenças entre as classes de palavras” (PINILLA, 2016, p. 180). Portanto, a proposta de Pinilla (2016), assim como a de Camara Jr. (2015 [1970]), é a de que os critérios semântico, mórfico e funcional sejam conciliados e abordados ao definir uma classe de palavra.

1.1.3 Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo, Rafael Minussi (2019)

No artigo *Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo* Rafael Minussi (2019), Minussi analisou como tem sido as definições das classes de palavras em livros didáticos. Além disso, o autor propôs a Morfologia Distribuída como um método alternativo para o ensino das classes de palavra.

Diferentemente dos autores citados previamente, a proposta de Minussi (2019) para a classificação das classes de palavras segue alguns princípios teóricos da Morfologia Distribuída³, uma teoria da Gramática Gerativa.

No que tange especificamente à Morfologia Distribuída, seu principal pressuposto é que não haja um léxico responsável por gerar as palavras e armazená-las, e por isso a teoria é classificada como não-lexicalista. As palavras, assim como as sentenças, são criadas em um componente sintático, isto é, as operações – *concatenar* e *mover* – que são responsáveis por criar as sentenças, também são responsáveis por criar as palavras. Assim, não há palavras previamente prontas (MINUSSI, 2019, p. 23).

Na composição da gramática Morfologia Distribuída, Minussi apresenta três *Listas* que representam esse elemento. A *Lista 1* compõe os traços morfossintáticos, “é a lista de elementos primitivos, os quais alimentam a derivação sintática. Nela estão contidas as raízes e os morfemas abstratos” (MINUSSI, 2019, p. 23). Dessa forma, uma mesma raiz pode derivar um nome, adjetivo ou verbo (BASSANI; MINUSSI, 2015, p. 141). A *Lista 2* é o *Vocabulário*, “contém os *itens de vocabulário*, que são regras que unem a informação fonológica à informação gerada na derivação sintática” (MINUSSI, 2019, p. 23-24, grifos do autor). A *Lista 3* é a *Enciclopédia*, o conhecimento de mundo que o falante aprende ao decorrer do tempo. Esse conhecimento possui uma variação de ambiente e de falante e é adquirido.

Para ilustrar como ocorre o processo de derivação a partir da Morfologia Distribuída e o seu modelo geral:

um exemplo da derivação de uma palavra segundo a Morfologia Distribuída, como, por exemplo, a formação do nome *cadeiras*. Para iniciar, tomamos a

³ A Morfologia Distribuída surgiu na década de 90, em oposição ao lexicalismo – visão predominantemente desde a discussão feita em Chomsky (1970). “A Morfologia Distribuída não prevê a existência de um léxico gerativo, e um de seus pressupostos é o de que tanto palavras quanto sentenças são formadas durante a derivação sintática, ou seja, estão sujeitas aos mesmos princípios e às mesmas operações que guiam a formação de sentenças, como: *merge*, *move*, etc. Sendo assim, não há entradas lexicais formadas ao início da derivação” (BASSANI; MINUSSI, 2015, p. 140).

raiz $\sqrt{\text{CADEIR}}$ e a concatenamos a um categorizador nominal n , que lhe dará a categoria de nome, projetando um nó n na estrutura sintática. Em seguida, um traço de número [+pl] é concatenado ao n , e, uma vez que o traço de plural não muda a categoria da palavra, um n continua sendo projetado. Após a derivação sintática, no caminho para PF, o Item de Vocabulário /kadeir/ será inserido no lugar da raiz $\sqrt{\text{CADEIR}}$, enquanto no lugar do categorizador n será inserido /a/ e no lugar de [+pl] será inserido um /s/ (MINUSSI, 2019, p. 25-26).

Minussi (2019) também propõe pontos que poderiam ser explorados no estudo das classes de palavras: “(i) o ensino de classes de palavras a partir de primitivos como raízes acategoriais e morfemas; (ii) a formação de palavras de diferentes categorias a partir de uma mesma raiz; (iii) a mudança de categoria de uma palavra a partir da mesma raiz”. (MINUSSI, 2019, p. 30). O autor argumenta que, se o aluno entender como funciona o processo de formação de palavras, o estudo das classes de palavras também será compreensível. Esse fenômeno é possível pelo fato de o indivíduo possuir uma gramática interna, pois “todo membro da espécie humana é capaz de adquirir uma língua, sem qualquer ensino, bastando para tanto a experiência do contato com a língua nos primeiros anos de vida” (LOBATO, 2015 [2003], p. 17).

A ideia de Minussi (2019) é que o professor parta do primitivo antes de rotular as classes, pois o conceito delas também é construído. De acordo com a hipótese da *faculdade da linguagem*, proposta por Chomsky (1965), os falantes possuem a competência da criatividade, então são capazes de criar palavras como “coisar” ou “lembrosa”. Minussi (2019) diz que “a criança formou a palavra *lembrosa*, provavelmente a partir da raiz $\sqrt{\text{LEMBR}}$ e do morfema adjetival *-osa*, de maneira análoga a palavras como *teimosa*, *cuidadosa*, *amorosa* etc”. (MINUSSI, 2019, p. 27, grifos do autor).

Pautado em Camara Jr. (1970) e Basílio (2004)⁴, Minussi (2019) questiona a ausência na utilização dos três critérios nos materiais didáticos. Segundo o autor:

Apesar de as gramáticas escolares citarem alguns critérios de classificação, as classes de palavras são definidas prioritariamente pelo critério semântico, como se percebe nas definições de substantivo como palavra que designa seres, ou na definição de verbos como palavras que se referem a ações representadas no tempo (MINUSSI, 2019, p. 4).

Minussi defende que o conceito das classes de palavras baseado nos três critérios é essencial – “seria possível definir melhor as classes por meio de um conjunto de critérios” (MINUSSI, 2019, p. 9). O autor também concorda que utilizar apenas um

⁴ BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

critério é prejudicial para a compreensão da classe – “a classificação de ocorrências a partir de critérios isolados pode levar a resultados inadequados” (MINUSSI, 2019, p. 12). Uma forma de ilustrar essa inadequação se dá, por exemplo, quando a definição de verbo passa a ser pautada apenas no critério semântico, como o conceito de verbo mais conhecido: “verbo é a palavra que indica ação, estado de um ser e fenômeno da natureza” (SANCHEZ, 2014a, p. 187).

Entretanto, existem palavras que indicam ação, mas não são verbos: “João foi *processado*”; “João foi *aplaudido*”. Já outras expressam estado sem serem verbos: “*João está triste*”.⁵ Por fim, quando é dito “*choveu ontem*”, a palavra chover se refere a um fenômeno da natureza, contudo não é classificada como verbo. Essa questão pode ser explicada com base no estudo de Bassani & Minussi (2015), os quais apontam, com base na *Lista 1*, da Morfologia Distribuída, que uma mesma raiz pode formar um nome, adjetivo ou verbo, pelo fato de as raízes não possuírem categoria, mas poderem ser categorizadas por núcleos nominal (*n* ou *a*) ou verbal (*v*), no processo da derivação sintática. Dessa forma, há duas hipóteses para significar uma mesma raiz: (i) ela pode apresentar múltiplos conteúdos semânticos ou (ii) não possuir conteúdo algum, ser um *placeholder* (BASSINI; MINUSSI, 2015, p. 144); assim sendo, o conteúdo existirá quando houver a inserção de um vocabulário e será interpretado após a derivação.

Quando o verbo passa por um processo de nominalização, ocorre uma mudança na estrutura argumental. Nas situações (iii) ‘Os tomates cresceram’ e (iv) ‘O crescimento dos tomates (BASSANI; MINUSSI, 2015, p. 151), o padrão vocálico em (iii) é não-causativo, com isso o verbo seleciona um agente. Já em (iv), ocorre uma nominalização do padrão verbal; dessa maneira, a partir da derivação morfológica, a mesma raiz pode resultar tanto em um verbo quanto em um substantivo. Dessa maneira, *cresceram* e *crescimento* representam o ato de crescer e a ação de crescimento, respectivamente; isso evidencia que não somente o verbo é uma palavra que indica ação.

Além disso, a nominalização é vista por Rio-Torto (2018) como um processo de derivação regressiva. A partir disso, para Rio-Torto, *desvio*, *embarque*, *engorda*, *esforço*, por exemplo, são nomes deverbais não sufixados; a base desses nomes é verbo. Os sufixos geralmente são em - *ção*, -*mento*, -*agem*, -*ncia* (RIO-TORTO, 2018, p. 33) com o mesmo radical. Ademais, a cronologia histórica e a etimologia ajudam na interpretação a respeito da formação da palavra: pode ter ocorrido partir de um verbo ou de um nome.

⁵ Os três últimos exemplos foram coletados a partir de diálogos informais dos indivíduos.

A consulta de Cunha permite observar que gritar, documentado desde o séc. XVI, tem origem no latim *CRITĀRE, de QUIRITĀRE. Já grito está abonado no séc. XIV e grita, desde 1572. Quanto a trabalho (< TRĪPĀLĪŪ) e trabalhar (do lat. vulgar *TRĪPĀLIĀRE) ambos documentados desde o séc. XIII, o semantismo de trabalho ‘labor, ocupação’ já não se relaciona com o do seu étimo ‘instrumento de tortura composto de três paus’. Ou seja, face à dificuldade em determinar, mormente em cotextos menos clarificadores (dar um grito, fazer uma busca), o estatuto derivante ou derivado do nome, as informações históricas e/ou etimológicas são de grande mais valia para a solução do problema (RIO-TORTO, 2018, p. 34-35).

No estudo de Minussi (2019), portanto, o autor propões que a Morfologia Distribuída seja a base para a definição de classes de palavras para tentar resolver as brechas que são encontradas no conceito de verbo, por exemplo, quando ocorre a nominalização. O autor também não exclui a importância da conciliação dos critérios semântico, mórfico e funcional para a definição de classes de palavras.

1.1.4 Considerações parciais

Nesta primeira parte, foram apresentados os pressupostos linguísticos de Camara Jr. (2015 [1970]), Pinilla (2016) e Minussi (2019). Os três autores apontam a importância de a definição das classes de palavras ser pautada nos critérios semântico, mórfico e funcional. Camara Jr. (2015 [1970]) e Pinilla (2016) explicam o significado dos três critérios; existe uma semelhança muito grande nas palavras dos dois linguistas. A diferença entre Camara Jr. (2015 [1970]) e Pinilla (2016) ocorre no momento em que esta, após a conceituação dos três critérios, também propõe uma definição para as dez classes de palavras. Já Camara Jr. não chegou a sugerir um novo conceito para o verbo, apenas apontou os problemas que existem em definir o verbo em apenas um critério, uma vez que os três precisam ser associados, principalmente o semântico e o mórfico – a partir disso, ele nomeou o critério morfossemântico.

Por fim, Minussi (2019) também recomenda o uso de critérios semântico, mórfico e funcional para definir uma classe de palavra. Uma contribuição original do trabalho do autor, que se baseia nos pressupostos da Morfologia Distribuída, é que as palavras sejam analisadas a partir da raiz. Essa proposta defende que seja levada para a sala de aula a compreensão de um processo gerativo de formação de palavras, por meio do reconhecimento de primitivos, em que um mesmo radical pode originar diversas palavras.

Minussi também defende que esse tipo de conhecimento faz parte do conhecimento linguístico inato dos falantes.

Nas duas tabelas a seguir, será apresentado um resumo das ideias e conceitos que foram expostos nas seções 1.1, 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3. Na primeira tabela, há a lista dos critérios que Camara Jr. (2015[1970]) e Pinilla (2016) propõem para definir as classes de palavras. Pinilla (2016), por sua vez, elaborou um projeto de classificação para cada classe, mas foi recortada apenas a do verbo, já que é o objeto de estudo desta pesquisa. Na tabela 2, resume-se o estudo de Minussi (2019), pois ele foi além da proposta de classificação para cada classe.

Linguistas	Critérios propostos para a classificação das classes de palavras		
	Semântico	Mórfico ou formal	Funcional
Camara Jr. (2015 [1970])	Eles [os vocábulos formais] de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua (p. 77).	Baseia-se em propriedades da forma gramatical que podem apresentar (p. 77).	A função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença (p. 77).
Pinilla (2016)	(Modo de significação: extralinguístico e intralinguístico) Verbo é a palavra que indica um processo (ações, estados, passagem de um estado a outro). Processo verbal – fenômeno em desenvolvimento, com indicação temporal (p. 178).	(Caracterização da estrutura da palavra) Verbo é a palavra formada por morfema lexical (base de significação) e morfemas gramaticais (p. 178).	(Função ou papel na oração) Verbo é palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado (p. 178).

Tabela 1 – Critérios propostos por Camara Jr. (2015 [1970]) e Pinilla (2016) para a classificação das classes de palavras.

Minussi (2019)	<p>Explorar a construção e formação das palavras, ou seja, podemos iniciar o estudo das classes de palavras falando de seus primitivos, dos tipos de morfemas e das raízes (p. 27).</p> <p>Explorar a possibilidade de criação de palavras de diferentes categorias a partir de uma mesma raiz, tal como no exemplo Erro! Fonte de referência não encontrada. com a raiz $\sqrt{\text{FORM}}$, que pode originar as palavras: forma, formal e formar (p. 28).</p> <p>Explorar o ensino de classes de palavras a partir da MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA é a possibilidade de mudança da classe de palavras utilizando a mesma raiz (p. 28).</p>
-----------------------	---

Tabela 2 – Proposta de Minussi (2019) para o estudo das classes de palavras.

1.2 Taxonomia de Objetivos Educacionais

Nesta seção, serão apresentados os fundamentos da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, que é composta por três domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. Os domínios cognitivo e afetivo foram pensados por Benjamin Bloom, em 1956. Em relação ao domínio psicomotor, há estudos realizados por Anita Harrow (1972), por Alvarez Manilla (1969) e por Elizabeth Simpson (1966).

A Taxonomia dos Objetivos Educacionais refere-se aos processos mentais e possui como foco a aprendizagem, como é apontado em *Taxonomy of Educational Objectives*: “espera-se ser de ajuda geral a todos os professores, administradores, especialistas profissionais, e especialistas que lidam com problemas curriculares e de avaliação. É especialmente destinada para ajudá-los a discutir esses problemas com grande precisão”⁶ (BLOOM, 1956, p. 1). Será investigado, dessa forma, como essa taxonomia é capaz de impactar e modificar o sistema de ensino-aprendizagem.

1.2.1 Panorama da Taxonomia de Objetivos Educacionais

A Taxonomia dos Objetivos Educacionais é dividida em domínio cognitivo, afetivo e psicomotor. A taxonomia do domínio cognitivo foi criada em 1956 e a do domínio afetivo, em 1964. Benjamin Bloom elaborou apenas as taxonomias cognitiva e a afetiva, mas não chegou a trabalhar com o domínio psicomotor, somente liderou os estudos desse domínio. A Taxonomia dos Objetivos Educacionais é sustentada na filosofia pragmática norte-americana e possui uma abordagem com a pedagogia crítica, além de ser pautada na psicologia humana. O eixo teórico das taxonomias é a psicologia comportamental.

As taxonomias são importantes para que haja um planejamento no processo de ensino-aprendizagem, com execução e avaliação da ação pedagógica. Cipriano Luckesi (2011) expõe algumas considerações sobre a Taxonomia dos Objetivos Educacionais, em seu artigo *Taxonomia de Objetivos Educacionais – sessenta anos depois*. Luckesi ressalta: “nenhum objetivo vai à prática sem passar por mediações eficientes. A execução representa o efetivo investimento na obtenção de resultados desejados (LUCKESI, 2011,

⁶ “It is expected to be of general help to all teachers, administrators, professional specialists, and research workers who deal with curricular and evaluation problems. It is especially intended to help them discuss these problems with greater precision”. (Tradução nossa).

p. 40). Por isso, “é insano desejar resultados significativos sem planejar, executar e avaliar de forma consistente (LUCKESI, 2011, p. 40). Assim, a TOE possui esse diferencial de planejar inteiramente o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que “a taxonomia deve ser um sistema de classificação educacional – lógico – psicológico”⁷ (BLOOM, 1956, p. 6).

Luckesi explicita que quem começou o método da taxonomia foi Ralph W. Tyler (1902-1994) em 1930. Tyler estava insatisfeito com a ineficiência escolar, que se refletia com muitas reprovações (LUCKESI, 2011, p. 40). Tyler, então, teve a ideia de planejar o ensino e de adotar a avaliação para melhorá-lo, dessa maneira apresentou a Metodologia do ensino por objetivos.

Seguindo essa lógica, Benjamin Bloom, na década de cinquenta, continuou o caminho de Tyler e elaborou a Taxonomia de Objetivos Educacionais, para que houvesse “uma linguagem comum entre os educadores que trabalhavam na área da avaliação educacional” e que “pudesse nortear as ações e as trocas de materiais entre eles, sem ruídos de comunicação” (LUCKESI, 2011, p. 40). Nota-se que a diferença entre “padronizar” e ter uma “linguagem comum” não é para tornar mecânico o trabalho dos professores, mas fazer que eles falem a mesma língua. Essa proposta da taxonomia é de 1948, contudo continua sendo atual segundo os parâmetros educacionais em que a sociedade se encontra.

Em 1999, Lori Anderson e David Krathwohl revisaram e atualizaram a Taxonomia dos Objetivos Educacionais, quase 50 anos depois de ela ter sido criada. O intuito foi acompanhar o avanço da educação, sem descartar sua ideia original (WILSON, 2001). Nota-se que eles estudaram apenas os domínios cognitivo e o afetivo, sem alterar o domínio psicomotor.

É preciso apontar que o conceito de taxonomia em geral é um tipo de classificação (WILSON, 2001), contudo a diferença entre essa e aquela é que a taxonomia precisa de um *continuum*, o que daria sequência. Rodrigues Jr. (2006, 2016) também apresenta três propriedades que se enquadram na taxonomia, sendo elas: cumulatividade, hierarquia e eixo comum. Assim, ao categorizar uma taxonomia, há uma acumulação de níveis, sendo que eles devem ter uma hierarquia e características em comum. Essa hierarquia e a cumulatividade são o *continuum*.

⁷ “The taxonomy should be an educational - logical - psychological classification system”. (Tradução nossa).

Cada domínio (afetivo, cognitivo ou psicomotor) representa uma forma em que o indivíduo expressa sua conduta, mas não há o uso de apenas um domínio, ocorre a interação entre eles. Ou seja, uma pessoa não consegue utilizar unicamente, por exemplo, o domínio afetivo e depois o cognitivo, os dois – ou os três – precisam estar em consonância, o que será explanado mais à frente. Entretanto, o foco de análise nesta dissertação será o domínio cognitivo, pois “é o domínio em que a maioria dos trabalhos em desenvolvimento curricular ocorreu e onde as definições mais claras de objetivos devem ser enunciadas como descrições do comportamento do estudante”⁸ (BLOOM, 1956, p. 7).

O lema de Bloom é “aprender a aprender”. Dessa forma, para ele, as pessoas são capazes de aprender. Luckesi afirma o seguinte sobre a proposta de Bloom,

seu ponto de apoio mais importante é a teoria da aprendizagem para o domínio, segundo a qual é possível, por meio da atividade pedagógica intencional, ensinar de forma consistente e efetiva, o que promove uma aprendizagem também consistente e efetiva. Segundo acreditava e assumia, 95% das pessoas podem aprender tudo, desde que, para tanto, lhes sejam garantidos tempo e metodologia adequados. Os 5% restantes apresentam limitações variadas, que os incapacitam para aprender tudo, ainda que possam aprender aspectos específicos das tarefas humanas (LUCKESI, 2011, p. 41).

O conhecimento não vai surgir inesperadamente na mente do aluno. Então, “o educando, para efetivamente aprender, necessita ser ativo. É ele quem aprende agindo” (LUCKESI, 2011, p. 42). Portanto, é preciso de prática para aprender (LUCKESI, 2011, p. 28).

Nas seções seguintes, iremos apresentar, com mais detalhe, cada um dos domínios da Taxonomia de Bloom.

1.2.2 Taxonomia do Domínio Cognitivo

No tocante ao Domínio Cognitivo, Rodrigues Jr. (2016) destaca três princípios como base dessa taxonomia. O primeiro aponta que cada categoria é a demonstração daquilo que o aluno aprendeu, não é apenas a representação do conhecimento já adquirido, comumente conhecido como o conhecimento inato. Em outras palavras, ao completar um nível, o estudante aprende o que lhe foi informado, além de despertar o conhecimento interno.

⁸ “It is the domain in which most of the work in curriculum development has taken place and where the clearest definitions of objectives are to be found phrased as descriptions of student behavior”. (Tradução nossa).

O segundo princípio trata sobre a cumulatividade dos processos, ou seja, um depende do outro – isso é a hierarquia da taxonomia. Por fim, o terceiro é a complexidade das categorias, uma é mais difícil do que a outra, seguindo uma ordem hierárquica, que vai do mais externo para o mais interno.

Na Taxonomia dos Objetivos Educacionais, há uma classificação hierárquica para conduzir o processo de aprendizagem. O que pautava o domínio cognitivo original eram os substantivos: *conhecimento*, *compreensão*, *aplicação*, *análise*, *síntese* e *avaliação*. Com a revisão da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, em (1999), houve algumas modificações; assim sendo, a nova ordem passou a ser: *lembrar*, *entender*, *aplicar*, *analisar*, *synetizar* e *criar*. Então, em vez de conhecer o conteúdo, o aluno irá lembrá-lo, e, em seguida, entendê-lo, para depois aplicá-lo. Também não irá sintetizar e avaliar, mas avaliar e criar.

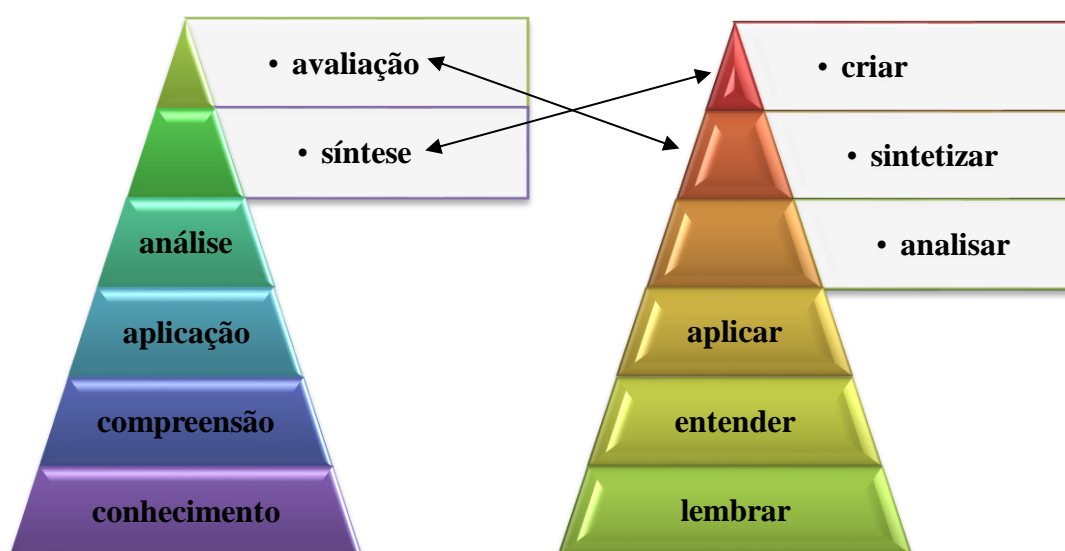


Figura 1 – Diagrama comparativo da Taxonomia de Bloom⁹.

A pirâmide à esquerda se refere à primeira versão da Taxonomia (BLOOM, 1956). Já a da direita é a versão adaptada mais recente (ANDERSON & KRATHWOHL, 1999). As setas são para sinalizar a inversão da ordem do quinto e do sexto níveis; esses, por sua vez, vão do mais simples ao mais complexo, com o intuito de desafiar o pensamento (WILSON, 2001). Ademais, na alteração de 1999, o domínio cognitivo passou a ser processo cognitivo (FERRAZ; BELHOT, 2010, p. 425).

⁹ Tabela à esquerda: versão de 1956; à direita: versão atualizada. Produção nossa.

Existe uma hierarquia crescente de complexidade e dependência na taxonomia, e, para avançar um nível da escala, o aluno deve ter dominado a habilidade anterior. Os verbos (processo cognitivo) dessa classificação são acompanhados por substantivos (conhecimento), sendo eles “como?” e “o quê?”, respectivamente (FERRAZ; BELHOT, 2010, p. 424).

1.2.2.1 *Conhecimento* ou *Lembrar*

A respeito da primeira categoria, *conhecimento* ou *lembrar*, Bloom destaca que é o ato de relembrar ou reconhecer ideias, material ou fenômenos (McDAY, 1956, p. 62). Além disso, Luckesi (2011) aponta que o aluno precisa compreender as informações, para depois assimilá-las (p. 42). Para ele, “compreender, no caso, significa apossar-se da informação, entendendo o que ela expressa” (LUCKESI, 2011, p. 43). Já Rodrigues Jr. (2016) conclui que o conhecimento é quando o “estudante reproduz com exatidão uma informação que lhe tenha sido dada” (RODRIGUES JR., 2016, p 17). O estudante vai, então, internalizar o conhecimento aprendido e reproduzi-lo.

No quadro abaixo, estão listados os verbos que fazem parte do nível do *conhecimento*, ou seja, eles auxiliam na identificação desta categoria.

Enumerar, definir, descrever, identificar, denominar, listar, nomear, combinar, realçar, apontar, relembrar, recordar, relacionar, reproduzir, solucionar, declarar, distinguir, rotular, memorizar, ordenar e reconhecer.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

Dessa forma, por exemplo, se uma atividade solicita que sejam apontadas quais palavras indicam *ação* ou *estado*, estamos diante de um exercício que contempla o nível *conhecimento* ou *lembrar*.

1.2.2.2 *Compreensão* ou *Entender*

Já a segunda categoria, *compreensão* ou *entender*, é “quando os estudantes são confrontados com uma comunicação, espera-se que eles saibam o que está sendo comunicado e seja capaz de fazer algum uso do material ou ideias contidas nele”¹⁰ (BLOOM, 1956, p. 89). Além disso, é quando “o estudante deverá ser capaz de usar

¹⁰ “When students are confronted with a communication, they are expected to know what is being communicated and to be able to make some use of the material or ideas contained in it”. (Tradução nossa).

informação original e ampliá-la, reduzi-la, representá-la de outra forma ou prever consequências resultantes da informação original” (RODRIGUES JR., 2016, p. 18). Ou seja, seria a forma de o aluno mostrar que entendeu a informação e fazer isso com “as suas palavras” – o que os professores pedem geralmente quando passam atividade. Além disso, Bloom (1956) aponta que, para que ocorra de fato a compreensão, são necessárias três habilidades: translação (falar o que aprendeu por meio de novas palavras, em outra linguagem, em outros termos); interpretação (pensar sobre a importância das ideias) e extrapolação – ir além do que foi aprendido (p. 89-90).

A seguir, alguns verbos que contemplam essa categoria.

Alterar, construir, converter, decodificar, defender, definir, descrever, distinguir, discriminar, estimar, explicar, generalizar, dar exemplos, ilustrar, inferir, reformular, prever, reescrever, resolver, resumir, classificar, discutir, identificar, interpretar, reconhecer, redefinir, selecionar, situar e traduzir.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

Com isso, quando o aluno relembrou o conhecimento, ao avançar para o segundo nível, o estudante será capaz de mostrar que entendeu a informação, por meio de um resumo ou uma discussão, por exemplo.

1.2.2.3 *Aplicação* ou *Aplicar*

O terceiro nível, *aplicação* ou *aplicar*, para Bloom (1956), é saber quando usar uma informação (p. 120), ou seja, a forma de colocar em prática a teoria aprendida, “tendo em vista solucionar problemas e impasses em situações particulares e concretas. Sem a aquisição dessa habilidade, os conhecimentos assimilados permanecerão como arquivos mortos” (LUCKESI, 2011, p. 43). Dessa forma, o aluno terá a capacidade de levar a informação adquirida para um novo ambiente, poder aplicá-la. Rodrigues Jr. salienta que “é a categoria que reúne processos nos quais o estudante transporta uma informação genérica para uma situação nova e específica” (RODRIGUES JR., 2016, p. 19).

Os verbos que envolvem a aplicação são:

Aplicar, alterar, programar, demonstrar, desenvolver, descobrir, dramatizar, empregar, ilustrar, interpretar, manipular, modificar, operacionalizar, organizar, prever, preparar, produzir, relatar, resolver, transferir, usar, construir, esboçar, escolher, escrever, operar e praticar.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

Após a compreensão da informação, agora é possível ter autonomia para explicar esse conhecimento, por meio da aplicação.

1.2.2.4 *Análise* ou *Analisar*

Quanto ao quarto nível, *análise* ou *analisar*, para Bloom (1956), “ênfatisa a quebra do material em suas partes constituintes e descoberta das relações das partes e o caminho em que elas foram organizadas”¹¹ (p. 144). Como consequência, não é possível ter um conhecimento superficial sobre o assunto, pois, nessa categoria, o estudante será capaz de “identificar, hierarquizar e relacionar as partes de um todo” (LUCKESI, 2011, p. 43). Dessa forma, haverá uma análise de todo o processo de conhecimento.

Dessa forma, para esse nível, existem os seguintes verbos:

Analisar, reduzir, classificar, comparar, contrastar, determinar, deduzir, diagramar, distinguir, diferenciar, identificar, ilustrar, apontar, inferir, relacionar, selecionar, separar, subdividir, calcular, discriminar, examinar, experimentar, testar, esquematizar e questionar.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

É o momento, por exemplo, que ocorre a ampliação do raciocínio crítico, assim um conhecimento poderá ser relacionado com outro semelhante, gerando a intertextualidade.

1.2.2.5 *Síntese* ou *Sintetizar*

Em seguida, no quinto nível, *síntese* ou *sintetizar*, “é aqui definida como colocar juntos os elementos e partes para formar um todo. Esse é um processo de trabalho com elemento, partes etc. e combiná-los de tal maneira a construir um padrão ou estrutura que não estavam lá claramente antes”¹² (BLOOM, 1956, p. 162). Dessa forma, é feita uma combinação de elementos e partes para formar um novo (LUCKESI, 2011, p. 43; RODRIGUES JR., 2016, p. 23). Assim, a ideia é que o aluno reúna todo conhecimento adquirido para criar o próprio dele. Para exemplificar: após o professor explicar sobre

¹¹“Analysis emphasizes the breakdown of the material into its constituent parts and detection of the relationships of the parts and of the way they are organized”. (Tradução nossa).

¹²“Is here defined as the putting together of elements and parts so as to form a whole. This is a process of working with elements, parts, etc., and combining them in such a way as to constitute a pattern or structure not clearly there before”. (Tradução nossa).

como deve ser feito um texto dissertativo-argumentativo, o estudante irá produzir uma redação sobre um tema escolhido.

Os verbos desse nível:

Categorizar, combinar, compilar, compor, conceber, construir, criar, desenhar, elaborar, estabelecer, explicar, formular, generalizar, inventar, modificar, organizar, originar, planejar, propor, reorganizar, relacionar, revisar, reescrever, resumir, sistematizar, escrever, desenvolver, estruturar, montar e projetar.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

1.2.2.6 Avaliação ou Criar

Ao chegar ao nível mais complexo – a *avaliação* ou *criar* – o aluno será capaz de “confrontar um dado, uma informação, uma teoria, um produto etc.” (RODRIGUES JR., 2016, p. 24). Ou seja, é realizada uma análise crítica sobre o que foi aprendido. Para Bloom (1956), “a avaliação é definida como a realização de julgamentos sobre o valor, para algum propósito de ideias, trabalhos, solução, métodos, material etc.”¹³ (p. 185).

Os verbos que envolvem o sexto nível são:

Avaliar, averiguar, escolher, comparar, concluir, contrastar, criticar, decidir, defender, discriminar, explicar, interpretar, justificar, relatar, resolver, resumir, apoiar, validar, escrever um *review* sobre, detectar, estimar, julgar e selecionar.

Fonte: FERRAZ & BELHOT, 2010, p. 426.

Na avaliação, por conseguinte, existe a capacidade de arguição, baseada em um raciocínio crítico, o que leva o indivíduo, por exemplo, a conseguir defender as suas ideias.

Três perguntas, portanto, são cruciais para os educadores na prática pedagógica: o que desejo para os meus educandos? O que necessito fazer para que meus educandos efetivamente aprendam? Meus educandos atingiram as aprendizagens necessárias? Em caso negativo, como reorientá-lo? (LUCKESI, 2011, p. 44). Por isso a taxonomia do domínio cognitivo é importante – o educador começa sendo o sujeito mais ativo no nível do conhecimento. Já no último, o educando passa a ser o mais ativo, pois ele que irá produzir a partir do que aprendeu.

Utilizamos os verbos de Ferraz & Belhot (2010), porque Bloom (1956) não chegou a apresentar uma lista de verbos para os domínios. Para lembrar os verbos de

¹³“Evaluation is defined as the making of judgments about the value, for some purpose, of ideas, works, solutions, methods, material, etc.”. (Tradução nossa).

cada nível do domínio cognitivo, segue a tabela abaixo. Além disso, a complexidade aumenta a cada nível, sendo o sexto nível o mais difícil de ser alcançado:

Nível	Verbos
1º Conhecimento ou Lembrar	Enumerar, definir, descrever, identificar, denominar, listar, nomear, combinar, realçar, apontar, relembrar, recordar, relacionar, reproduzir, solucionar, declarar, distinguir, rotular, memorizar, ordenar e reconhecer.
2º Compreensão ou Entender	Alterar, construir, converter, decodificar, defender, definir, descrever, distinguir, discriminar, estimar, explicar, generalizar, dar exemplos, ilustrar, inferir, reformular, prever, reescrever, resolver, resumir, classificar, discutir, identificar, interpretar, reconhecer, redefinir, selecionar, situar e traduzir.
3º Aplicação ou Aplicar	Aplicar, alterar, programar, demonstrar, desenvolver, descobrir, dramatizar, empregar, ilustrar, interpretar, manipular, modificar, operacionalizar, organizar, prever, preparar, produzir, relatar, resolver, transferir, usar, construir, esboçar, escolher, escrever, operar e praticar.
4º Análise ou Analisar	Analisar, reduzir, classificar, comparar, contrastar, determinar, deduzir, diagramar, distinguir, diferenciar, identificar, ilustrar, apontar, inferir, relacionar, selecionar, separar, subdividir, calcular, discriminar, examinar, experimentar, testar, esquematizar e questionar.
5º Síntese ou sintetizar	Categorizar, combinar, compilar, compor, conceber, construir, criar, desenhar, elaborar, estabelecer, explicar, formular, generalizar, inventar, modificar, organizar, originar, planejar, propor, reorganizar, relacionar, revisar, reescrever, resumir, sistematizar, escrever, desenvolver, estruturar, montar e projetar.
6º Avaliação ou Criar	Avaliar, averiguar, escolher, comparar, concluir, contrastar, criticar, decidir, defender, discriminar, explicar, interpretar, justificar, relatar, resolver, resumir, apoiar, validar, escrever um <i>review</i> sobre, detectar, estimar, julgar e selecionar.

Tabela 3 – Verbos de cada nível do domínio cognitivo com base em Ferraz & Belhot (2010).

1.2.3 Taxonomia do Domínio Afetivo

O critério desse domínio é a “internalização das condutas” (LUCKESI, 2011, p. 44-45). O domínio afetivo vai da conduta superficial para uma ação mais profunda,

“propriamente uma cosmovisão” (LUCKESI, 2011, p. 45). Dessa forma, dois pontos devem ser destacados: o primeiro é que as emoções também interferem na aprendizagem – “isso implica dizer que, dependendo do quadro geral de atitude e de emoções que se forma em torno do estudo de uma disciplina, os resultados que os alunos obterão podem ser diversos” (RODRIGUES JR., 2016, p. 27).

O outro ponto a ser destacado é que emoção é subjetiva, não é passível de ser medida. O que um aluno sente é diferente do que o outro é capaz de sentir. Cada ser humano é único, inclusive nos sentimentos. Seguindo essa visão e a importância de se levar em consideração a afetividade, Rodrigues Jr. (2016, p. 27) sugere que ela seja incluída no processo de ensino-aprendizagem, porque o professor tem o conteúdo a ensinar, mas o aluno precisa ter motivação e estar aberto para aprender. É preciso querer aprender (LUCKESI, 2011, p. 44).

O domínio afetivo também apresenta um *continuum*, mas nesse domínio é o grau de internalização, não os níveis de processos intelectuais como no domínio cognitivo. O domínio afetivo é organizado por cinco níveis: receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização.



Figura 2 – Níveis do domínio afetivo.

Quanto ao primeiro nível, a receptividade (ou acolhimento e aquiescência), o aluno observa, passivamente, o que lhe está sendo ensinado, “limitam-se a dar atenção seletiva e proposital” (RODRIGUES JR., 2016, p. 29) e está “aberto para receber a nova

experiência que se apresenta” (LUCKESI, 2011, p. 44). Então, o aluno está apenas recepcionando superficialmente a informação.

Já a resposta é o momento em que o estudante dá um sinal para o que lhe foi instruído, “essa ação pode ser desde a simples obediência a determinações explícitas até a iniciativa na qual se possa notar alguma expressão de satisfação por parte do aluno” (RODRIGUES JR., 2016, p. 30). Nesse nível o aluno age, positiva ou negativamente, em resposta à informação apresentada, ele passa a se envolver com ela (LUCKESI, 2011, p. 45).

A valorização é quando o estudante internalizou o valor da instrução, valorizou com persistência, consistência e persuasão (RODRIGUES JR., 2016, p. 31). Assim, o educando entende a importância daquilo que está aprendendo. O quarto nível, a organização, se relaciona com a análise e a síntese do domínio cognitivo. É um “processo que envolve comparações e análises” (RODRIGUES JR., 2016, p. 33).

Sobre a caracterização, “poucos indivíduos chegam a esse nível de desenvolvimento afetivo” (RODRIGUES JR., 2016, p. 34). É um nível em que o valor passa a ser um ponto extremamente importante no comportamento do indivíduo. O valor seria “um princípio, entidade, ideal ou prática capazes de nortear e privilegiar o curso de ações de um indivíduo” (RODRIGUES JR., 2016, p. 35). Um exemplo é preservar o meio ambiente.

1.2.4 Taxonomia do Domínio Psicomotor

Não há uma unanimidade de níveis na Taxonomia do Domínio Psicomotor como ocorreu com o domínio cognitivo e o afetivo. Existem várias versões que tratam a respeito da Taxonomia do Domínio Psicomotor, como, a de Anita Harrow (1972), a de Alvarez Manilla (1969) e a de Elizabeth Simpson (1966), que deu a base para este estudo para o estudo de Rodrigues Jr. (2016).

Rodrigues Jr. (2016) aponta que a habilidade intelectual é mais valorizada do que a habilidade de ser um artista. Um artista pode ser artista, mas não será considerado inteligente como quem ganhou o Prêmio Nobel, por exemplo. Contudo, “ações mecânicas constituem também objeto de aprendizagem escolar” (RODRIGUES JR., 2016, p. 37). O domínio psicomotor são as ações que requerem domínios corporais.

É importante ressaltar que, tal como os domínios anteriores, a ação também requer a participação do domínio afetivo e do domínio cognitivo, já que os três estão interligados. Além disso, o desempenho no domínio psicomotor pode afetar na ação ou no resultado, como o ato de escrever.

Como cada domínio tem um *continuum*, o desse domínio é a “complexidade dos movimentos” (RODRIGUES JR., 2016, p. 39). Sendo assim, os níveis do domínio psicomotor são: percepção; posicionamento; execução acompanhada; mecanização; e completo domínio de movimentos.

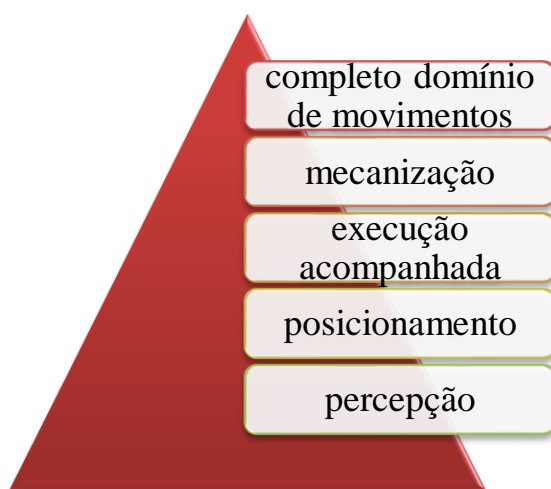


Figura 3 – Taxonomia do Domínio Psicomotor.

A percepção é a análise do ambiente, o aluno não pratica nenhuma ação ainda. Rodrigues Jr. (2016) aponta que “a aprendizagem nesse estágio é mais cognitiva do que motora (p. 40). Em seguida, no posicionamento, o estudante começa a se ajustar no ambiente, ainda sem colocar em prática qualquer ação. Já na execução acompanhada, é quando o aprendiz passa a realizar a atividade, porém com um auxiliar ao lado, um professor, por exemplo. Nesse nível, o aluno ainda não possui completo domínio do que está fazendo, por isso precisa de ajuda.

O passo seguinte é a mecanização, o momento em que a ação se torna automática, um hábito – “o ciclo de movimentos é completo e o aprendiz coordena uma ação com as demais que a ela se ligam” (RODRIGUES JR., 2016, p. 42). É quando, por exemplo, o aluno já consegue fazer um exercício sem raciocinar muito, inconscientemente, mas, vez ou outra, ainda erra. Já no completo domínio de movimentos, há uma consistência na ação, com poucos erros, com maestria.

Para relembrar os níveis dos três domínios das taxonomias apresentadas:

	Cognitivo	Afetivo	Psicomotor
Nível 6	Criar	-	-
Nível 5	Sintetizar	Caracterização	Completo domínio de movimentos
Nível 4	Analisar	Organização	Mecanização
Nível 3	Aplicar	Valorização	Execução acompanhada
Nível 2	Entender	Resposta	Posicionamento
Nível 1	Lembrar	Receptividade	Percepção

Tabela 4 - Níveis dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor.

1.2.5 Considerações parciais

Neste capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos linguísticos e metodológicos que embasam esta pesquisa, a qual tem como intuito analisar o processo de ensino-aprendizagem e, possivelmente, contribuir para a melhoria dele. Os pressupostos linguísticos foram o estudo de Camara Jr. (2015 [1970]), com *critério compósito*, que inclui definir a classe de palavras de acordo com o critério semântico, o mórfico e o funcional; o de Pinilla (2016) e Minussi (2018), também apontam a importância de conciliar os três critérios; e a *Taxonomia dos Objetivos Educacionais* (BLOOM, 1956).

A obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, de Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]), foi publicada há quase cinquenta anos, entretanto os problemas que foram abordados nela continuam sendo atuais na educação, ou seja, eles perpetuam há muito tempo. Assim, o autor propôs classificar os vocábulos a partir do critério semântico, mórfico e funcional. Os dois primeiros estão ligados entre si, pois o sentido depende da forma, por isso Camara Jr. nomeou essa junção como o critério morfossemântico, o critério compósito.

Pinilla (2016) segue a mesma proposta de Camara Jr., além de apontar as falhas que há nos critérios na definição da classe de palavras, o que prejudica na diferenciação delas. Assim, a autora sugere definições para as dez classes de palavras baseadas nos critérios funcional, mórfico e semântico, pois apenas o último tem sido o mais utilizado, mas ele sozinho não é suficiente para conceituar uma classe. Por isso, as propostas de Camara Jr. (1970) e de Pinilla (2016) devem ser adotadas, pois, apesar do grande intervalo de tempo entre as obras, poucas mudanças foram feitas nos materiais escolares.

Minussi (2019) também reconhece que há um déficit no ensino da classe de palavras, sobretudo a questão de o critério semântico predominar nos materiais didáticos. Por isso, o autor propõe um estudo conjunto com morfologia, sintaxe e semântica, além de trabalhar com a produção de textos, iniciando a aprendizagem a partir do primitivo, do processo de formação de palavras, para, dessa forma, construir o conceito das classes de palavras.

Dessa forma, a proposta de Minussi é que as três áreas da linguística estejam interligadas, além da produção de texto: “devemos pensar em uma nova maneira de ensinar, olhando para a continuidade dos estudos dos alunos, tanto no âmbito dos estudos de gramática (morfologia, sintaxe, semântica etc.) quanto no âmbito do ensino e produção de textos” (MINUSSI, 2019, p. 30). Além disso, com base na Morfologia Distribuída (MINUSSI, 2019), ocorre o processo de nominalização deverbal (RIO-TORTO, 2018), para refutar a ideia de que “verbo é a palavra que indica ação, estado de um ser ou fenômeno da natureza”, uma vez que uma mesma raiz pode formar um nome, um verbo ou um adjetivo e todas elas representarem uma ação, estado ou fenômeno da natureza.

Em seguida, quanto à Taxonomia dos Objetivos Educacionais – TOE –, observamos que, apesar de também ser uma teoria antiga, ainda é um assunto que não tem a devida importância que merece. O objetivo da TOE é organizar o processo educacional para que educador e educando tenham a mesma linguagem, e ela apresenta três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor.

O primeiro domínio estudado foi o cognitivo, é o mais falado no meio educacional e o que passou por uma revisão. Luckesi (2011) e Rodrigues Jr. (2016) escreveram sobre a Taxonomia de Bloom após a atualização dela, que ocorreu em 1999, mas não apresentaram as mudanças. Sendo assim, seguiram os níveis da taxonomia inicial. Logo, o nível *criar* não foi citado em nenhuma das obras. Para lembrar, os níveis do *domínio cognitivo* são *conhecimento, compreensão, análise, aplicação, síntese e avaliação*. Com a revisão, passaram a ser: *lembrar, entender, aplicar, analisar, sintetizar e criar*.

O *domínio afetivo* está interligado ao *domínio cognitivo*, pois as emoções interferem no processo de ensino-aprendizagem. Se um aluno não quiser aprender, não adianta o professor se esforçar ao máximo, a informação não será adquirida pelo educando. São cinco os níveis que compõem o domínio afetivo: *receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização*, sendo essa última quando o indivíduo age com valores humanizados em sociedade, como ser honesto.

O *domínio psicomotor* se refere aos domínios corporais, às ações que o indivíduo executa. Isso pode ser exemplificado nos estágios que devem ser seguidos para aprender a dirigir um carro, que vai desde o momento de se posicionar no banco até a hora de conseguir guiar o carro e conversar com o passageiro que está ao lado e não causar acidente. Dessa forma, também são cinco níveis que fazem parte do *domínio psicomotor*: *percepção, posicionamento, execução acompanhada, mecanização e completo domínio dos movimentos*.

Nosso objetivo, dessa forma, é verificar qual/quais critério/critérios (semântico, sintático e morfológico) está/estão sendo abordado/abordados nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua portuguesa para definir a classe de palavras, sobretudo a do verbo. Em seguida, analisar qual/quais nível/níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais do domínio cognitivo está/estão sendo aplicado/aplicados no processo de ensino-aprendizagem. O domínio cognitivo é o que mais se articula e é estudado no meio educacional, por isso a ênfase apenas nele nesta pesquisa, mas não descartamos a relação entre os três domínios. Assim sendo, nossos pressupostos linguísticos também auxiliam na construção da metodologia deste trabalho.

Capítulo 2 – O verbo nas gramáticas tradicionais: estudo comparativo

O objetivo desse capítulo é realizar um estudo comparativo de algumas gramáticas tradicionais para verificar quais critérios (semântico, mórfico e funcional) estão sendo utilizados na definição do verbo. A metodologia utilizada nesta etapa da pesquisa foi a análise descritiva e comparativa das gramáticas tradicionais em língua portuguesa. Para isso, foi utilizado o Critério Compósito de Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]) e a proposta de Pinilla (2016), além da Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956) – dentro da taxonomia, foi considerado, sobretudo, o que diz respeito ao domínio cognitivo.

Serão analisadas cinco gramáticas tradicionais: *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008); *Gramática do português contemporâneo*, de Cunha (2017); *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009); *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2003); e *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2016).

2.1 Análise das gramáticas

2.1.1 *Nova gramática do português contemporâneo*, Cunha & Cintra (2008)

Na *Nova gramática do português contemporâneo*, Cunha & Cintra (2008) definem o verbo em dois tópicos. Para eles:

1. Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. 2. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 393, grifos dos autores).^{14, 15}

Os tópicos apresentados no capítulo do verbo são:

¹⁴ Após essa conceituação, há a seguinte nota: “Daí a definição de A. Maria Barrenechea: ‘Os verbos são as palavras que têm função obrigatória de predicado e um regime próprio’ (*Las clases de palabras em español como clases funcionales. Romance Philology*, 17:306-307, 1963)” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 393).

¹⁵ Vale ressaltar que a definição de predicado verbal é imposta antes mesmo da do verbo, apresentada seis capítulos antes, sendo ela: “O predicado verbal tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um verbo significativo. Verbos significativos são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser intransitivos e transitivos” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 149). É mais coerente essa abordagem que os gramáticos fazem, pois facilita a aprendizagem do estudante. No momento em que dizem que o verbo “tem função obrigatória de predicado”, já se tem conhecimento sobre o que é predicado.

1. Flexões
 - ◆ Números;
 - ◆ Pessoas;
 - ◆ Modos;
 - ◆ Tempos; e
 - ◆ Aspectos.
2. Vozes
 - Fato praticado; sofrido; ou praticado e sofrido pelo sujeito.
 - Formas rizotônicas e arrizotônicas.
3. Classificação do verbo;
4. Conjugações;
5. Sintaxe dos modos e dos tempos;
6. Emprego das formas nominais;
7. Emprego do infinitivo;
8. Emprego da forma não flexionada;
9. Emprego da forma flexionada;
10. Emprego do gerúndio;
11. Emprego do particípio;
12. Concordância verbal
 - ◆ Regras gerais: com um só sujeito; com mais de um sujeito.
 - ◆ Casos particulares:
 - (1) Com um só sujeito:
 - O sujeito é uma expressão partitiva;
 - O sujeito denota quantidade aproximada;
 - O sujeito é o pronome relativo que;
 - O sujeito é o pronome relativo quem;
 - O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de de (ou dentre) nós (ou vós);
 - O sujeito é um plural aparente;
 - O sujeito é indeterminado; e
 - Concordância do verbo ser.
 - (2) Com mais de um sujeito:
 - Concordância com o sujeito mais próximo;
 - Infinitivos sujeitos;
 - Sujeitos resumidos por um pronome indefinido;
 - Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa;
 - Sujeitos ligados por ou e por nem;
 - A locução um e outro;
 - Sujeitos ligados por com;
 - Sujeitos ligados por conjunção comparativa;
13. Regência verbal
 - Regência;
 - Regência verbal;
 - Diversidade e igualdade de regência;
 - Regência de alguns verbos (aspirar, assistir, chamar, ensinar, esquecer, interessar, lembrar, obedecer [e desobedecer], perdoar, responder, visar); e
 - Sintaxe do verbo haver.

Na seção de predicado verbal, os verbos intransitivos são explicados primeiramente, em um capítulo antes da definição do verbo, e eles denominam aqueles cuja “ação não vai além do verbo”. Os exemplos apresentados pelos autores para este caso foram: “sobe a névoa... a sombra desce...”. Dessa forma, os gramáticos notaram “que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 149). No caso, é um tipo de verbo que não pede um complemento.

Já os verbos transitivos, doravante VT, são aqueles que “exigem certos termos para complementar-lhes o significado” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 150). Os VT deveriam ser explicados primeiramente, para dar uma significação maior ao verbo intransitivo, em relação a essa noção de “ação que vai além do verbo”. Para ilustrar os VT, foi dado: “ele não **me agradece**, nem eu **lhe dou tempo**”¹⁶. Assim, “o processo verbal não está integralmente contido [nas formas verbais], mas se transmite a outros elementos” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 150), são os verbos que precisam de um complemento para ter sentido completo.

Cunha & Cintra classificam os verbos transitivos em diretos, indiretos e diretos e indiretos ao mesmo tempo. Os diretos são verbos que não precisam de objeto preposicionado, por exemplo: “vou ver o doente”. O complemento não preposicionado do verbo – o doente – denomina-se objeto direto, “indica o ser para o qual se dirige a ação verbal” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 154).

Os indiretos, por sua vez, são os que solicitam uma preposição, como: “da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena”. O termo que complementa o sentido do verbo indireto é chamado de objeto indireto. Por fim, os verbos transitivos diretos e indiretos ao mesmo tempo são os que “requerem simultaneamente objeto direto e indireto para completar-lhes o sentido” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 151). Para exemplificar esse tipo de verbo, os autores apresentaram a seguinte oração: “O sucesso do seu gesto não deu paz ao Lomba”. Ao analisar esta oração, encontra-se o objeto direto – *paz* – e o objeto indireto – *ao Lomba* –, dessa forma, o verbo dar é bitransitivo, pois seleciona dois tipos de objetos, um direto e um indireto.

Em seguida, no próprio capítulo do verbo, após a apresentação da definição, as classificações da classe dadas por Cunha & Cintra são: flexões do verbo, que são subdivididas em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz. Aspecto, por sua vez, designa:

uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 396).

Os aspectos ainda são divididos em oposições: pontual (*acabo de ler o livro*)/durativo (*continuo a ler o livro*); contínuo (*vou lendo o livro*)/descontínuo (*voltei a ler o*

¹⁶ Os exemplos a seguir foram retirados da gramática de Cunha & Cintra (2008, p. 150).

livro); e incoativo – exprime a fase inicial – comecei a ler o livro/ conclusivo – fase final – acabei de ler o livro. Além disso, há as formas rizotônicas – quando o acento tônico se encontra no radical (em negrito): **ando**, **andas**, **anda**. Formas arrizotônicas – o acento tônico se encontra na terminação (em negrito): **andamos**, **andais**, **andou**.

Na seção “Classificação do verbo”, há: “quanto à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo e abundante” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 400). “Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 401). Ademais, os verbos são conjugados em primeira, segunda e terceira conjugação.

Por fim, a parte que possui uma explicação mais detalhada é a do tempo verbal, sendo ele dividido em simples e composto. Há também os verbos impessoais, unipessoais e defectivos. Os autores abrem uma seção para a sintaxe dos modos e dos tempos e explicam detalhadamente cada uma dessas partes. Incluem os valores afetivos para o presente do indicativo e para o pretérito imperfeito. Após a exposição do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito, os gramáticos ainda fazem a distinção de cada um desses modos, sendo que o imperfeito denota uma ação inacabada; já o perfeito, expressa algo finalizado.

O pretérito perfeito é dividido em simples e composto, assim a forma simples contempla uma ação realizada no passado, como “jantei e dormi”. Já a forma composta é a repetição ou continuidade de uma ação até o momento em que é falada – tenho estudado bastante. Em suma, “o pretérito perfeito simples, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o pretérito perfeito composto, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 469).

Os autores assim resumem:

o indicativo é usado geralmente nas orações que completam o sentido dos verbos como afirmar, compreender. O subjuntivo é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos desejar, duvidar, implorar, negar, ordenar, querer, rogar e suplicar (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 480).

Além disso, Cunha & Cintra classificam o infinitivo, o gerúndio e o particípio como as formas nominais do verbo, pois não exprimem “por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 496). O infinitivo se aproxima ao substantivo; o gerúndio, ao advérbio ou adjetivo; e o particípio, ao adjetivo.

O gerúndio também é classificado em forma simples e composta, mas, diferentemente dos pretéritos, a forma composta denota uma ação concluída e a forma

simples, um ato em desenvolvimento. Já o particípio é dividido em tempo composto e sem auxiliar, que seria a forma simples, sendo eles, respectivamente, “o aspecto conclusivo do processo verbal, e o estado resultante de uma ação acabada” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 508).

Após essa análise descritiva, observa-se que a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* apresenta diversas regras para o uso do verbo. Já a respeito da definição dessa, no conceito principal, encontramos os critérios semântico, sintático e morfológico.

Com o objetivo de sistematizar os conceitos localizados na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, foi feito um quadro:

Obra consultada:	Conceito geral:		
Cunha & Cintra (2008)	1. Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. 2. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja <i>privativa</i> , pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela <i>função obrigatória</i> de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 393, grifos dos autores).		
	Critérios abordados		
	Sintático	Semântico	Morfológico
	O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja <i>privativa</i> , pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela <i>função obrigatória</i> de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (p. 393, grifos dos autores).	(...) que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo.	Uma palavra de forma variável (...)

Tabela 5 – Definição de verbo de acordo com Cunha & Cintra (2008).

2.1.2 Gramática do português contemporâneo, Cunha (2017)

A *Gramática do português contemporâneo*, versão de bolso, também foi objeto de análise. É apresentado na nota prévia¹⁷: “no estudo das classes de palavras, examinou-se a palavra em sua forma e função, de acordo com a morfossintaxe, além de valorizarem-se os meios expressivos” (CUNHA, 2017, p. 5). Nota-se, então, que essa gramática aparenta ter a definição das classes gramaticais que contemple muito mais do que a semântica, além de possuir uma linguagem mais voltada para os alunos da educação básica.

Assim, na gramática de Cunha (2017), verbo é definido como “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado” (p. 220). É o mesmo conceito dado na gramática de Cunha & Cintra (2008), mas de forma reduzida. Além disso, ao decorrer do capítulo, existem os mesmos tópicos com as mesmas palavras, mas não são apresentadas a parte de voz reflexiva e a conjugação de um verbo reflexivo. Apenas são abordados, sucintamente, o verbo reflexivo e verbo pronominal, os quais também estão na gramática de Cunha & Cintra (2008).

Na gramática de Cunha (2017), além da voz reflexiva, não foram encontradas algumas partes que estão na gramática Cunha & Cintra (2008), como a dos verbos com alternância vocálica e a conjugação desses verbos; a dos verbos com valores afetivos de cada tempo verbal; e é reduzida a explicação dos empregos dos tempos e modos verbais. Além disso, usa-se a expressão sujeito composto em vez de ‘com mais de um sujeito’ como está na de 2008. Por fim, não é colocado o tópico de sujeitos infinitivos. É uma gramática reduzida, mas com as mesmas informações da *Nova gramática do português contemporâneo*.

Apesar de a gramática de Cunha (2017), que foi publicada há pouco tempo, apresentar, na nota prévia, que a palavra, para a definição de classes de palavras, foi analisada a partir da sua forma e função, baseada na morfossintaxe e contemplando os meios expressivos, foi notado que essa proposição não foi realmente realizada. Isso pode

¹⁷ Há também a seguinte informação na nota prévia: “A *Gramática do português contemporâneo*, versão de bolso, corresponde à necessidade que os editores Carlos Augusto Lacerda e Paulo Geiger sentiram de publicar uma gramática destinada ao público brasileiro em geral, uma vez que a *Nova Gramática do português contemporâneo* – por levar em conta as normas linguísticas vigentes no Brasil e em Portugal – acabou tornando-se um texto voltado mais para o público universitário” (CUNHA, 2017, p. 5).

ser observado porque há uma grande semelhança com a *Nova gramática do português contemporâneo* (2008), e somente alguns dados foram retirados. Para comparar:

	Cunha & Cintra (2008)	Cunha (2017)
Conceito geral de verbo	Uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja <i>privativa</i> , pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela <i>função obrigatória</i> de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (p. 393, grifos dos autores).	Uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado (p. 220).

Tabela 6 – Comparação entre as gramáticas de Cunha & Cintra (2008) e de Cintra (2017).

Quanto aos critérios presentes na definição de verbo na gramática de Cunha (2017), observa-se:

Obra consultada:	Conceito geral:		
Cunha (2017)	Uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado (CUNHA, 2017, p. 220).		
	Critérios abordados		
	Sintático	Semântico	Morfológico
	Na oração, exerce função obrigatória de predicado (p. 220).	(...)que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo.	Uma palavra de forma variável (...)

Tabela 7 – Definição de verbo de acordo com Cunha (2017).

Portanto, a *Nova gramática do português contemporâneo*, Cunha (2017) não difere muito da *Gramática do português contemporâneo*, Cunha & Cintra (2008), apenas sofreu uma redução no critério semântico. Mesmo tendo na nota prévia da gramática de Cunha (2017), que ela é voltada para os estudantes da educação básica, não foram encontradas diferenças na linguagem em comparação com a gramática de Cunha & Cintra (2008).

2.1.3 *Moderna gramática portuguesa*, Bechara (2009 [1999])

Evanildo Bechara (2009 [1999]), em sua *Moderna gramática portuguesa*, a respeito do verbo, relata: “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical” (BECHARA, 2009 [1999], p. 209). Logo em seguida, o gramático apresenta a subclasse dos verbos nocionais e verbos relacionais, os quais se encontram na diferenciação do predicado verbal e do predicado nominal.

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer ‘vazio’, o que justifica a denominação tradicional de ‘cópula’ – marca gramatical de identidade – e a classificação ‘relacional’ de Said Ali). O verbo ser e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem ‘os morfemas de pessoa e número que com sujeito gramatical dão fundamento à oração’ [AL. 1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo ser ‘é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais’ [EBv.1, 169]. (BECHARA, 2009 [1999], p. 209).

Dessa forma, os tópicos apresentados sobre o verbo, na gramática de Bechara, (2009) são:

1. A distinção de verbos nocionais e relacionais;
2. Categorias verbais segundo Roman Jakobson;
3. Explicação das categorias verbais¹⁸
 - Gênero (PC)
 - Número (PC)
 - Pessoa (PC/PF)
 - Estado (AC)
 - Aspecto (AC)
 - Tempo ou nível temporal (AC/AF)
 - Voz ou diátese (PC/AC)
 - Modo (PC/AC/PF)
 - Taxis (AC/AC)
 - Evidência (AC/ACF/AF)
4. Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu
 - Exemplo para a descrição funcional
5. As pessoas do verbo
6. Os tempos do verbo
7. Os modos do verbo
8. As vozes do verbo
9. Voz passiva e passividade

¹⁸ Legenda dos atos de fala que se relacionam às funções verbais, baseados na distinção de Roman Jakobson: AC: acontecimento comunicado; AF: o próprio acontecimento de falar; PC: os participantes no acontecimento comunicado; e PF: os participantes no acontecimento da fala (BECHARA, 2009 [1999], p. 211).

10. Formas nominais do verbo
11. Conjugar um verbo
12. Verbos regulares, irregulares e anômalos
13. Verbos defectivos e abundantes
14. Locução verbal. Verbos auxiliares
15. Auxiliares causativos e sensitivos
16. Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais
17. Tempos primitivos e derivados
18. A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas
19. Alternância vocálica ou metafonia
20. Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão
21. Verbos terminados em *-zer*, *-zir*: tipos fazer e traduzir
22. Variações gráficas na conjugação
23. Verbos em *-ear* e *-iar*
24. Quando grafar *-ear* ou *-iar*
25. Erros frequentes na conjugação de alguns verbos
26. Paradigma dos verbos regulares
 - conjugação simples
 - conjugação composta
27. Conjugação de verbos auxiliares mais comuns
28. Conjugação de um verbo composto na voz passiva: ser amado
29. Conjugação de um verbo pronominal: apiedar-se
30. Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono
31. Conjugação dos verbos irregulares
32. Emprego do verbo
33. Emprego de tempos e modos
 - Indicativo
 - Subjuntivo
 - Imperativo
34. Emprego das formas nominais
 - 35.1 Infinitivo histórico
 - 35.1.1 Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão)
 - 35.1.2 Infinitivo pertencente a uma locução verbal
 - 35.1.3 Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos
 - 35.1.4 Infinitivo fora da locução verbal
36. Apêndice
37. Passagem da voz ativa à passiva e vice-versa

A gramática de Bechara (2009 [1999]) é mais tradicionalista, com aspectos históricos, como *Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu*, além de ter a definição de verbo um pouco mais complexa, que requer do falante pelo menos mais de uma leitura para entendê-la, como se pode conferir na tabela abaixo.

Obra consultada:	Conceito geral:		
Bechara (2009 [1999])	Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical (BECHARA, 2009 [1999], p. 209).		
	CrITÉRIOS abordados		
	Sintático	Semântico	Morfológico
	o falar organiza o seu significado lexical	Entende-se por verbo a unidade de significado categorial	que se caracteriza por ser um molde (...)

Tabela 8 – Definição de verbo de acordo com Bechara (2009 [1999]).

2.1.4 Gramática escolar da Língua Portuguesa, Bechara (2003)

Evanildo Bechara (2003) elaborou uma gramática voltada para Ensino Médio e cursos preparatórios, a *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. Nela, o verbo é definido como a “unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2003, p. 194).

Há de se notar que a diferença entre as duas gramáticas do Bechara em questão é, primeiramente, a definição de verbo. A *Moderna gramática portuguesa* (2009) apresenta uma explicação mais complexa para os estudantes da educação básica. Já a *Gramática escolar da Língua Portuguesa* (2003) aborda uma definição com uma linguagem mais compreensível ao público mais jovem. Além disso, a *Gramática Escolar* não explana sobre Roman Jakobson e Eugenio Coseriu e expõe um aspecto visual mais colorido, provavelmente com o intuito de despertar a atenção do estudante. Fora isso, nos outros tópicos, ambas gramáticas são idênticas: as mesmas palavras são usadas para explicar cada subdivisão do verbo. Para relembrar e comparar o conceito de verbo nas duas gramáticas de Bechara:

	Bechara (2009 [1999])	Bechara (2003)
Conceito de verbo	Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical (p. 209).	Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número (p. 194).

Tabela 9 – Comparação entre as gramáticas de Bechara (2009 [1999]) e Bechara (2003).

A fim de destacar como os critérios semântico, mórfico e funcional foram abordados no conceito de verbo proposto por Bechara (2003):

Obra consultada:	Conceito geral:		
Bechara (2003)	Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número (p. 194).		
	Critérios abordados		
	Sintático	Semântico	Morfológico
	organizada para expressar	Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo	o modo, o tempo, a pessoa e o número (p. 194).

Tabela 10 – Definição de verbo de acordo com Bechara (2003).

2.1.5 Nova gramática do português contemporâneo, Castilho (2016)

A última gramática analisada foi a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Ataliba T. Castilho (2016), voltada mais para os alunos universitários¹⁹. Assim, Castilho, ao definir o verbo – sintagma verbal –, apresenta os seguintes apontamentos:

(...) uma definição gramatical de qualquer classe toma em conta sua morfologia e sua sintaxe. Do ponto de vista **morfológico**, são identificadas como verbos as classes que dispõem de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos (p. 392).

Prosseguindo na **caracterização gramatical do verbo**, considera-se como tal do ponto de vista da **sintaxe** a palavra que articula seus argumentos, via princípio de projeção. Esta bela definição traz alguns problemas, visto que também o substantivo deverbal, o adjetivo e advérbio têm a propriedade de subcategorizar argumentos. Portanto, todos eles integram uma só classe (p. 395).

Do ponto de vista **semântico**, os verbos expressam o estado de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos (p. 396).

Quanto ao discurso, considera-se verbo a palavra (i) que introduz participantes no texto via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos (CASTILHO, 2016, p. 396, grifo nosso).

Essa foi a única gramática encontrada que apresentou, detalhadamente, os critérios sintático, morfológico e funcional. Além disso, Castilho incluiu a definição baseada no discurso, o que é uma nova contribuição para o meio educacional.

Os tópicos presentes no capítulo de sintagma verbal na gramática de Ataliba Castilho:

1. Estrutura do sintagma verbal
2. Estatuto categorial do verbo
- 2.1 Categorias gramaticais do verbo
- 2.2 Propriedades semânticas do verbo
- 2.3 Propriedades discursivas do verbo
3. Descrição do núcleo verbal
- 3.1 Sintaxe do verbo
- 3.1.1 Verbo e estrutura argumental da sentença. Tipologia dos predicados
- 3.1.2 Gramaticalização do verbo
- 3.1.3 Gramaticalização de *ser* e *estar*
- 3.1.3 Gramaticalização de *ter* e *haver*
4. Tipologia do sintagma verbal
- 4.1 Sintagma verbal simples
- 4.2 Sintagma verbal composto: as perífrases e as formas nominais do verbo
- 4.3 Sintagma verbal complexo: o verbo-suporte
5. Concordância verbal
6. Colocação do verbo

¹⁹ Conforme apresentado na introdução: “não se trata, entretanto, de uma gramática escolar usual, delas se afastando pelas seguintes características” (CASTILHO, 2016, p. 31).

- 7. Semântica do verbo
 - 7.1 Estudo sobre a semântica do verbo
 - 7.2 As sistematizações de Aristóteles e Halliday
 - 7.3 Uma distinção básica: apresentação vs. predicação
 - 7.4 Classes acionais do verbo
- 8. Categorias semânticas do verbo
 - 8.1 Aspecto verbal
 - 8.2 Tempo
 - 8.3 Modo
- 9. Discurso e verbo: o verbo no texto
 - 9.1 Verbo apresentativo e inserção de tópico discursivo
 - 9.2 Transitividade e discurso
- 10. Descrição dos especificadores
 - 10.1 Problema da auxiliaridade
 - 10.2 O estatuto das perífrases
 - 10.3 Especificadores de tempo: TER + DO, IR + IR
 - 10.3.1 Perífrases de particípio
 - 10.3.1 Perífrases de infinitivo
 - 10.4 Especificadores de aspecto: estar + ndo
 - 10.4.1 Perífrases de particípio
 - 10.4.2 Perífrases de infinitivo
 - 10.4.3 Perífrases de gerúndio
 - 10.5 Especificadores de modo: dever, querer, poder + r
 - 10.5.1 Perífrases de infinitivo
 - 10.6 Especificadores de voz
 - 10.6.1 Perífrases de particípio
 - 10.7 Descrição dos complementadores

Dessa forma, nota-se que, na última gramática analisada, o conceito de verbo obteve explicações mais detalhadas e foi dividido para cada critério – semântico, mórfico, funcional e discurso; até mesmo o gramático aponta que são necessários esses três aspectos para definir as classes de palavras. Além desse estudo esmiuçado, a linguagem da gramática de Castilho (2016) é mais didática e explicativa, isso demonstra uma certa importância para que o estudante aprenda o conteúdo, sem contar que, muitas vezes, foram encontradas ironias, o que torna a leitura mais leve, até mesmo divertida.

Por fim, para recordar a definição de verbo elaborada por Castilho (2016)²⁰:

Obra consultada: Castilho (2016)				
Critérios abordados				
	Sintático	Semântico	Morfológico	Discurso
	Prosseguindo na caracterização gramatical do verbo, considera-se como tal do ponto de vista da sintaxe a	Do ponto de vista semântico, os verbos expressam o estado de coisas, entendendo-se por isso as ações, os	Do ponto de vista morfológico, são identificadas como verbos as classes que dispõem de um radical e de	Quanto ao discurso, considera-se verbo a palavra (i) que introduz participantes no

²⁰ O conceito geral de Castilho (2016) foi suprimido aqui por ele ser muito extenso, mas pode ser conferido no início deste tópico.

	palavra que articula seus argumentos, via princípio de projeção. Esta bela definição traz alguns problemas, visto que também o substantivo deverbal, o adjetivo e advérbio têm a propriedade de subcategorizar argumentos. Portanto, todos eles integram uma só classe (p. 395).	estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos (p. 396).	morfemas flexionais sufixais específicos (p. 392).	texto via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos (CASTILHO, 2016, p. 396).
--	--	--	--	---

Tabela 11 – Definição de verbo de acordo com Castilho (2016).

2.1.6 Considerações parciais

Todas as gramáticas apresentam os três critérios de uma forma mais ou menos explícita, mesmo que não esteja(m) presente(s) nitidamente no conceito principal. A tabela abaixo organiza e sistematiza as definições vistas nas seções acima. O quadro está dividido em três colunas: na primeira, é apresentada a obra analisada; na segunda coluna, há a definição de verbo encontrada; e, na terceira, apresentamos nossa avaliação em relação ao critério utilizado pela gramática para conceituar o verbo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) abordado(s) – Semântico, morfológico e/ou sintático
Cunha & Cintra (2008)	Uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja <i>privativa</i> , pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela <i>função obrigatória</i> de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (p. 393).	Semântico, morfológico e sintático
Cunha (2017)	É uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado (p. 220).	Semântico, morfológico e sintático

Bechara (2009)	Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical (p. 209).	Semântico, morfológico e sintático
Bechara (2003 [1999])	Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número (p. 194).	Semântico, morfológico e sintático
Castilho (2016)	Uma definição gramatical de qualquer classe toma em conta sua morfologia e sua sintaxe. Do ponto de vista morfológico, são identificadas como verbos as classes que dispõem de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos (p. 392). Prosseguindo na caracterização gramatical do verbo, considera-se como tal do ponto de vista da sintaxe a palavra que articula seus argumentos, via princípio de projeção. Esta bela definição traz alguns problemas, visto que também o substantivo deverbal, o adjetivo e advérbio têm a propriedade de subcategorizar argumentos. Portanto, todos eles integram uma só classe (p. 395). Do ponto de vista semântico, os verbos expressam o estado de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos (p. 396). Quanto ao discurso, considera-se verbo a palavra (i) que introduz participantes no texto via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos (CASTILHO, 2016, p. 396).	Semântico, morfológico e sintático

Tabela 12 – Quadro comparativo das definições de verbos encontradas nas gramáticas analisadas.

Quanto às gramáticas, a primeira estudada foi a de Cunha & Cintra (2008) e eles apresentaram um conceito mais complexo, que pode estar mais direcionado para o público universitário ou para professores do ensino básico. Os alunos do ensino fundamental ou médio podem ter dificuldades para entender a definição que os gramáticos deram para o verbo, essa, por sua vez, é diferente da exposta nos livros didáticos. Cunha & Cintra (2008) trabalham com os critérios semântico, sintático e morfológico. O capítulo sobre verbo deles é repleto de regras, o que caracteriza o tradicionalismo gramatical.

Em comparação com a gramática versão de bolso de Cunha (2017), já há, na nota prévia, os dizeres de que a gramática é indicada para os universitários. Apesar de também ter essa informação na nota prévia: “No estudo das classes de palavras, examinou-se a palavra em sua forma e função, de acordo com a morfossintaxe, além de valorizarem-se os meios expressivos” (CUNHA, 2017, p. 5), a gramática de Cunha (2017) é uma réplica da versão de 2008, apenas alguns tópicos são apresentados, mas o conteúdo é explicado

da mesma forma que a gramática anterior. Mesmo tendo uma novidade na nota prévia, a gramática não mudou; só possui uma quantidade menor de páginas.

Já na gramática de Bechara (2009), existe uma definição muito mais complexa do que a de Cunha & Cintra (2008), sem didática, com conteúdos que não são encontrados nos livros didáticos, como “a distinção de verbos nocionais e relacionais” e “tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu”, conforme atestaremos no próximo capítulo. Essa gramática foi a mais tradicional até então analisada e apresenta apenas os critérios semântico e sintático. Bechara também elaborou uma gramática escolar (2003). Essa, de fato, pode ser de fácil entendimento para um estudante do ensino básico. A definição de verbo na *Gramática Escolar* (2003) já começa a se assemelhar com a que é apresentada nos livros didáticos.

A última gramática analisada foi a do Castilho (2016). Mesmo abordando na introdução que não se trata de uma gramática escolar, essa foi a gramática mais atualizada até então estudada, com traços de humor e ironia para tratar as regras da língua. Castilho (2016) define o verbo diferentemente dos gramáticos analisados, e utiliza quase três páginas para conceituar a classe, sempre explicando o que foi apresentado. Além disso, o autor aborda o critério compósito de Camara Jr. (2015 [1970]), ou seja, utiliza os critérios semântico, sintático (ou funcional) e morfológico, com acréscimo do discurso, que representa um progresso para o meio gramatical. O diferencial de Castilho com os outros gramáticos é que aquele é linguista, por isso existe uma discussão mais ampla, com desconstrução de princípios tradicionalistas.

Capítulo 3 – O verbo nos livros didáticos: estudo comparativo

Neste capítulo, é feito um estudo comparativo com sete livros didáticos de língua portuguesa de edições e anos diferentes para verificar como vem sendo abordado o conceito de verbo. O método consiste em uma análise comparativa entre os livros que foram lançados há mais de oito anos, pelo menos, e os publicados até 2018, porque, no ano seguinte, iniciamos a pesquisa. O objetivo é conferir se há uma diferença no conceito de verbo de acordo com o ano de publicação e com as séries escolares, pois uma das propostas deste estudo é verificar se se difere algo na definição de verbo nos livros de língua portuguesa da educação infantil ao ensino médio.

Os critérios utilizados para a escolha dos materiais foram a relevância no meio educacional, a facilidade de acesso e o fato de serem aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Além disso, foram analisados apenas os livros dos anos escolares em que a havia definição de verbo²¹. Para relembrar as perguntas que norteiam a análise:

1. Qual a definição de verbo apresentada nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua portuguesa analisados?
2. Qual ou quais os critérios (morfológico, semântico e/ou funcional) utilizados nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos para apresentar essa classe gramatical?
3. Qual a sequência didática apresentada nos livros didáticos de língua portuguesa para abordar a classe “verbo”?
4. Quais níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais estão presentes nas atividades sobre verbos dos materiais didáticos?
5. A conceituação da categoria gramatical “verbo” varia de acordo com o nível de escolaridade?

Os livros didáticos selecionados foram: *Projeto Buriti*, da editora Marisa Martins Sanchez (2014)²²; *Crescer*, de Corrêa & Moreira (2017); *Português Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2008 e 2012); e a edição da obra de Cereja & Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – de Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, de Costa et al. (2015); *Português: língua e cultura*, de Faraco (2005); e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja et al. (2016). Totalizam-se onze livros, entretanto, em algumas

²¹ Esta escolha foi feita porque há livros que contêm outros conteúdos do verbo, como concordância verbal, regência verbal, mas não abordam a conceituação dessa classe.

²² O livro é um projeto da Editora Moderna, não é apresentado autor para a obra.

edições, como *Projeto Buriti*, *Crescer* e *Português Linguagens*, foram analisados dois livros de séries e edições diferentes.

Os livros de séries iniciais analisados foram: *Projeto Buriti*, da editora Marisa Martins Sanchez (2014)²³; *Crescer*, de Corrêa & Moreira (2017).

Os livros do Ensino Fundamental II são: *Português Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2008 e 2012); e a edição da obra de Cereja & Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – de Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, de Costa et al. (2015).

Já os das séries finais são: *Português: língua e cultura*, de Faraco (2005); e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja et al. (2016).

Nas seções a seguir serão apresentados os livros em ordem crescente de nível, das séries iniciais do ensino fundamental até o ensino médio.

3.1 Livros didáticos do 4º ano

3.1.1 *Projeto Buriti*, Sanchez (2014)

Na coleção do *Projeto Buriti*, da editora Marisa Martins Sanchez (2014), o título do capítulo sobre verbo é “Para falar e escrever melhor”, o subtítulo é “dicionário”. É solicitada a leitura de um trecho do poema “Pipa”, de José de Nicola. Em seguida, essas questões:

- a) Segundo o poema, o que a pipa faz no ar? *Agita-se, dá pinote, sacode o rabo, pula cercas invisíveis, fica imóvel.*
- b) O que o poeta quis dizer com “a pipa se alimenta de liberdade”?
- c) O que indicam as palavras **agita-se**, **sacode** e **pula**?
() Nomes. () Características. (x) Ações.

Na última alternativa, o aluno poderá marcar que as três palavras indicam ação, com base no critério semântico, o que o leva a se familiarizar que o verbo denomina ação.

Sem nem um comentário acerca dos textos ou dos exercícios, é apresentada essa definição:

Verbo é a palavra que indica ação, estado de um ser ou fenômeno da natureza. Na entrada de verbetes no dicionário, o verbo aparece no **infinitivo**. Essa forma verbal não indica pessoa, número nem tempo. Exemplos: **agitar**, **entender**, **sacudir**.

²³ O livro é um projeto da Editora Moderna, não é apresentado autor para a obra.

A terminação do verbo no infinitivo indica a **conjugação** a que ele pertence: AR– 1ª conjugação, ER– 2ª conjugação e IR– 3ª conjugação. Exemplos: nadar, estar, comer, parecer, chover, sorrir etc. (SANCHEZ, 2014a, p. 187, grifos da editora).

O objetivo do capítulo é ensinar o aluno a manusear o dicionário. Assim, é pedido para a criança copiar no caderno quase uma página de palavras de referência, para depois indicar se elas eram substantivos ou verbos.

Chama atenção nesta obra que a seção do capítulo destinada ao estudo dos verbos seja denominada “Para falar e escrever melhor”. O conceito do título remete diretamente a pressupostos defasados do estudo da norma padrão cujo estudo gramatical era visto como “a arte do bem falar e do bem escrever”. De acordo com essa visão um tanto preconceituosa, estuda-se a norma padrão para que se possa falar e escrever melhor e subentende-se que quem não usa essa norma não sabe se expressar corretamente.

A respeito da Taxonomia dos Objetivos Educacionais – domínio cognitivo, o capítulo destinado ao estudo dos verbos na publicação *Projeto Burti* trata apenas do primeiro nível: *lembrar*, uma vez que as atividades propostas indicam o ato de *apontar*. Não há uma verificação concreta de que houve entendimento, pois as regras são apenas apresentadas e não há reflexão nem discussão.

3.1.2 *Crescer*, Corrêa & Moreira (2017)

Na publicação *Crescer*, de Rosana Corrêa e Salete Moreira (2017), também destinada ao 4º ano do Ensino Fundamental, o verbo é apresentado por meio da seguinte definição: “as palavras que se modificam para indicar os tempos passado, presente e futuro recebem o nome de **verbo**” (CORRÊA & MOREIRA, 2017a, p. 147, grifo das autoras). O capítulo sobre verbo é iniciado com a leitura dos trechos de um conto, sem título ou fonte. Duas palavras nele estão destacadas: “pediu” e “concordou”. Há outros verbos no conto, como “foi” e “podia”, mas apenas os dois primeiros receberam destaque. Após o conto, há alguns exercícios baseados no critério semântico:

- a) Assinale a alternativa correta. As palavras destacadas são:
 - Substantivos e nomeiam seres.
 - Adjetivos e caracterizam seres.
 - Verbos e indicam ações.
- b) Em que tempo estão as palavras destacadas no texto?
- c) Procure essas palavras em um dicionário. De que forma elas aparecem escritas lá?

Exercícios sobre verbo (CORRÊA & MOREIRA, 2017a, p. 147).

Há uma série de exercícios, sempre levando o aluno a conceituar que o verbo indica ação. Posteriormente, há outra definição, agora pautada no critério morfológico:

Os verbos, além de indicar os tempos passado, presente e futuro, indicam a **pessoa** que está falando, com quem ela está falando e de quem ela está falando. O verbo concorda com a pessoa que se refere. Exemplos: Eu vi a cumbuca. Eles viram a cumbuca (CORRÊA & MOREIRA, 2017a, p. 147, grifo das autoras).

Nas atividades no final do capítulo sobre verbo, encontra-se o seguinte exercício:

1. Releia esta quadrinha.

As estrelas **nascem** no céu,
Os peixes nascem no mar,
Eu **nasci** aqui neste mundo
Somente para te amar!

Domínio público.

- a) Qual dos verbos destacados na quadrinha indica uma ação no presente? *Nascem.*
- b) Qual deles indica uma ação no passado? *Nasci.*

2. Leia estes ditados populares e observe os verbos destacados.

- Dize-me com quem andas que eu te **direi** quem és.
 - Quem **canta** seus males **espanta**.
 - **Criou** fama e **deitou** na cama.
- a) Em que tempo eles estão?
Direi: futuro; canta e espanta: presente; criou e deitou: passado.
 - b) A que pessoa se referem?
Direi: 1ª pessoa, eu. Canta, espanta, criou, deitou: 3ª pessoa.

Atividades sobre verbo (CORRÊA & MOREIRA, 2017a, p. 148).

Nota-se, portanto, que os exercícios na parte do conceito de verbo e no final do capítulo solicitam apenas que o aluno identifique o que são as palavras destacadas e a qual tempo verbal e pessoa elas se referem. Diante das atividades apresentadas pelo livro didático em análise, infere-se que as tarefas de Corrêa & Moreira (2017a) priorizam o estudo do tempo verbal, da pessoa e da ação, não há o desdobramento para outro critério, como o sintático.

Além disso, levando em consideração a Taxonomia dos Objetivos Educacionais, nota-se que as atividades da Coleção *Crescer* utilizam apenas o primeiro nível, *lembrar*, porque é feita apenas uma recordação do conteúdo, por meio dos verbos *assinalar* e *procurar*, que são sinônimos dos verbos presentes na primeira categoria.

Feitas as considerações acima, as constatações estão organizadas em duas tabelas. A primeira contém a definição de verbo encontrada nos livros do 4º ano, bem como o

apontamento de quais critérios foram utilizados na definição. Na segunda, são apresentados alguns exercícios e os níveis alcançados no domínio cognitivo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) abordado(s) – semântico, morfológico e/ou sintático
Sanchez (2014a)	Verbo é a palavra que indica ação, estado de um ser ou fenômeno da natureza. Na entrada de verbetes no dicionário, o verbo aparece no infinitivo. Essa forma verbal não indica pessoa, número nem tempo. Exemplos: agitar, entender, sacudir. A terminação do verbo no infinitivo indica a conjugação a que ele pertence: AR– 1a conjugação, ER– 2a conjugação e IR– 3a conjugação. Exemplos: nadar, estar, comer, parecer, chover, sorrir etc. (p. 187, grifos da editora).	Semântico
Corrêa & Moreira (2017a)	Palavras que se modificam para indicar os tempos passado, presente e futuro recebem o nome de verbo Os verbos, além de indicar os tempos passado, presente e futuro, indicam a pessoa que está falando, com quem ela está falando e de quem ela está falando. O verbo concorda com a pessoa que se refere. Exemplos: Eu vi a cumbuca. Eles viram a cumbuca (p. 147, grifo das autoras).	Semântico e morfológico

Tabela 13 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 4º ano.

Obra	Questão selecionada	Nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo
Sanchez (2014a)	O que indicam as palavras agita-se , sacode e pula ? (p. 187)	Lembrar – nível 1
Corrêa & Moreira (2017a)	Qual dos verbos destacados na quadrinha indica uma ação no presente? (p. 148)	Lembrar – nível 1

Tabela 14 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.

3.2 Livros didáticos do 5º ano

3.2.1 Projeto Buriti, Sanchez (2014b)

O livro *Projeto Buriti*, do 5º ano, tem o mesmo título do capítulo do 4º ano – “Para falar e escrever melhor”, com o subtítulo é “Gramática – Revisão: verbo”. O capítulo é iniciado com essa tirinha de Garfield:



Figura 4 - Tirinha Garfield.²⁴

Em seguida, é apresentada essa atividade:

Copie da tirinha os verbos pedidos.

- Dois verbos da primeira conjugação. *Deixe (deixar), entro (entrar)*
- Três verbos da segunda conjugação. *Comer, queria (querer), ser*
- Um verbo da terceira conjugação. *Dormir*
- Três verbos no infinitivo. *Comer, dormir, ser*

Exercícios sobre verbo (SANCHEZ, 2014b, p. 120).

Por ser um exercício de revisão, nota-se que já é esperado que o estudante saiba quais são as três conjugações, além de saber identificar, por exemplo, que a forma “deixe” refere-se à primeira conjugação do verbo *deixar*. Após essa atividade, é apresentado esse quadro explicativo:

1 – Verbo é a palavra que indica uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza situados no tempo.

Os tempos do verbo são basicamente três:

- Presente: entro, como, durmo.
- Pretérito (ou passado): entrei, comi, dormi.
- Futuro: entrarei, comerei, dormirei.

2 – Os verbos pertencem a três conjugações, a 1ª, com terminação AR (entrar); a 2ª, com terminação ER (comer); e a 3ª, com terminação IR (dormir).

As pessoas do verbo são três e elas podem estar no singular ou no plural. Observe o quadro.

²⁴ Disponível em: <encurtador.com.br/brCTZ>. Acessado em 21 de abril de 2020.

Pessoas	Singular	Plural
1ª pessoa	Eu como	Nós comemos
2ª pessoa	Tu comes	Vós comeis
3ª pessoa	Ele/ela come	Eles/ elas comem

Definição de verbo de acordo com Sanchez (2014b, p. 120).

O que foi cobrado anteriormente é explicado agora, ou seja, o aluno teve de relembrar o que já sabia. Percebe-se, além disso, que o conceito de verbo está incompleto, como nas outras obras, além de estar pautado no critério semântico e morfológico, tópicos 1 e 2, respectivamente, como ressaltado no quadro. Entretanto, se comparada ao conceito de verbo dos livros analisados do ano – *Projeto Buriti* (2014a) e coleção *Crescer* (2017a), nota-se que a definição de verbo na obra *Projeto Buriti* (2014b), do 5º ano, avança no estudo de tempo verbal, conjugação verbal e pessoa do verbo. Isso requer que o aluno relembre o que foi aprendido no ano anterior para ter um estudo continuado sobre o assunto. Por isso, é importante seguir o que é dito na Taxonomia dos Objetivos Educacionais: o aluno está apto a ir para o nível seguinte se estiver concluído com sucesso a prática de aprendizagem do nível anterior. Em outras palavras, o estudante deve relembrar o conteúdo aprendido, por exemplo, para, então, avançar para o segundo nível: *a compreensão, entendimento*.

Após a definição de verbo, há o tópico “Oficina das palavras – usando os verbos” cuja atividade é:

1. Complete o bilhete usando os verbos do quadro.

fazer ter ser estar inventar gostar dar

Atenção! Em uma parte do bilhete, use os verbos no pretérito. Em outra parte, use os verbos no presente.

Aninha,

*Eu **gostei** muito da ideia que você me **deu** de escrever um livro. Até já **inventei** umas personagens bem malucas pra minha história. A personagem principal **é** uma galinha que **tem** um bico de tucano. A rival **é** uma gata que **faz** de tudo para atrair a atenção dos donos.*

*Ah, **estou** tão empolgada!*

Beijoca!²

2. Crie uma mensagem como a de Camila para um colega completar. Utilize verbos no presente, no pretérito e no futuro. *Resposta pessoal.*

Atividades sobre verbo (SANCHEZ, 2014b, p. 125).

²⁵ Os verbos destacados em rosa ou itálico são as respostas dos exercícios.

Pode-se observar que agora o estudante precisa saber conjugar os tempos verbais no pretérito e no presente. Além disso, na segunda questão, o aluno terá de escrever uma mensagem com base na que foi exposta. Esse exercício envolve o ato de uma produção, portanto alcança o terceiro nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, uma vez que ato de criar um texto exprime a ação de *construir, produzir*, verbos que estão presentes no nível *aplicação* ou *aplicar* da Taxonomia.

3.2.2 *Crescer*, Corrêa & Moreira (2017)

A respeito do livro do 5º ano da Coleção *Crescer*, no capítulo do estudo do verbo, também há um conto a ser lido. Entretanto, esse conto, “Rapunzel”, possui uma quantidade maior de palavras do que a do conto trabalhado no livro da série anterior, que sequer possuía título, mesmo com apenas trechos do conto. Além disso, é dada uma explicação²⁶ sobre “Rapunzel”, antes de sua apresentação, para instigar a curiosidade do aluno.

Há uma quebra de expectativas do leitor após finalizar o conto, pois a história mais conhecida de Rapunzel é daquela moça de cabelos grandes, mas, neste livro, “Rapunzel” é o nome de uma verdura alemã, o que faz jus à explicação apresentada anteriormente. Então, a primeira pergunta feita após a exposição do conto é se o aluno conhece a história de “Rapunzel”. Dessa forma, é pedido para que ele procure a continuação do relato. Isso, por sua vez, leva o estudante a se envolver na atividade, estudar um pouco sobre ela.

Além disso, em “Rapunzel”, alguns verbos estão grifados, sendo eles – *olhava, viu, quero* e *pertence*. Há alguns exercícios após o texto, mas o que trabalhou especificamente com esses verbos foi:

Releia o primeiro parágrafo do texto e complete as frases a seguir com umas das expressões dos quadros.

em um tempo não determinado

em um tempo determinado

O verbo “olhava” indica uma ação que aconteceu _____ no passado.

O verbo “viu” indica uma ação que aconteceu _____ no passado.

²⁶ “O conto ‘Rapunzel’ faz parte da tradição oral. É a história de uma mulher grávida que tem muitos desejos. O marido sempre tenta satisfazê-los, mas um dos pedidos parece difícil de ser atendido” (CORRÊA & MOREIRA, 2017b, p. 20).

São estudados os tempos verbais (passado, presente e futuro), mas sem nenhuma explicação adicional, tudo no nível “é isso”, sem levar o educando a ter consciência crítica e se questionar “o porquê disso”. Assim, após esse último exercício, é apresentada a definição de verbo:

O verbo é uma das palavras usadas para indicar o tempo (**critério morfológico**) em que os fatos ocorrem. Ele expressa a ideia de presente, passado ou futuro.

O verbo no passado (pretérito) pode **indicar uma ação (critério semântico)** que aconteceu em tempo determinado ou indeterminado.

Nas narrativas, muitas vezes, os verbos das falas dos personagens são conjugados no presente. O narrador costuma falar dos fatos que já aconteceram, por isso, em geral, o verbo fica no passado (CORRÊA & MOREIRA, 2017b, p. 22, grifo nosso).

Após a definição de verbo, são feitas mais quatro perguntas, sendo elas:

2. Relacione o verbo de cada frase à esquerda à pessoa a que se refere.

- a) **Moram** perto da bruxa. _____ → Eu
b) **Mora** em frente. _____ → Ele/ ela
c) **Quero** comer aquela verdura. _____ → Eles/ elas

3. Como ficaria a frase “Moram perto da bruxa”, caso o verbo se referisse ao pronome **nós**?
Nós moramos perto da bruxa.

4. Como ficaria a frase “Quero comer aquela verdura”, caso o verbo se referisse ao pronome **você**?
Você quer comer aquela verdura.

Os verbos variam para indicar as diferentes pessoas a que se referem (eu, tu, ele/ela/você, nós, vós, eles/elas/vocês).

5. E se quem praticasse a ação fosse eu e você, como ficaria a frase “Quero comer aquela verdura”?
Nós queremos comer aquela verdura.

Essas atividades exigem um pouco mais do raciocínio do aluno, pois ele terá de reformular as frases com o pronome exigido. Observa-se, então, que o objetivo maior deste capítulo é trabalhar com o verbo no tempo passado e com as conjugações de pessoa e número. Algumas atividades aparentam ter o intuito de levar o aluno a adquirir conhecimento – uma é de relacionar o verbo à esquerda com a pessoa a que se refere à direita, isso pode despertar o interesse do estudante, pois é um exercício diferente do comumente apresentado. Além disso, há mais uma regra a respeito do verbo: “os verbos

variam para indicar as diferentes pessoas a que se referem (eu, tu, ele/ela/você, nós, vós, eles/elas/vocês)” (CORRÊA & MOREIRA, 2017b, p. 22).

Portanto, as definições expostas são voltadas para o critério morfológico e semântico. Ademais, são conceitos que poderiam ser trabalhados de uma forma que instigue a capacidade crítica do aluno. Por fim, a respeito da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, verificou-se que apenas o primeiro e o segundo níveis – *lembrar* e *entender* – foram utilizados, porque o conhecimento interno do aluno foi explorado, por meio das palavras – *reler* e *completar* – que estão presentes no mesmo campo semântico do primeiro nível. Além disso, as questões de modificar as frases de acordo com o pronome envolvem a tarefa de *reconhecer*, verbo presente no segundo nível.

Para sistematizar a análise feita nos parágrafos anteriores, apresentamos duas tabelas. A primeira contém a definição de verbo encontrada nos livros do 5º ano, bem como o apontamento de quais critérios foram utilizados na definição. Na segunda, são apresentados alguns exercícios e os níveis alcançados no domínio cognitivo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) – abordado(s) – semântico, morfológico e/ou sintático
Sanchez (2014b)	<p>Verbo é a palavra que indica uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza situados no tempo.</p> <p>Os verbos pertencem a três conjugações, a 1ª, com terminação AR (entrar); a 2ª, com terminação ER (comer); e a 3ª, com terminação IR (dormir) (p. 120).</p>	<p>Semântico</p> <p>Morfológico</p>
Corrêa & Moreira (2017b)	<p>O verbo é uma das palavras usadas para indicar o tempo em que os fatos ocorrem. Ele expressa a ideia de presente, passado ou futuro.</p> <p>O verbo no passado (pretérito) pode indicar uma ação que aconteceu em tempo determinado ou indeterminado.</p> <p>Nas narrativas, muitas vezes, os verbos das falas dos personagens são conjugados no presente. O narrador costuma falar dos fatos que já aconteceram, por isso, em geral, o verbo fica no passado (p. 22).</p>	<p>Morfológico</p> <p>Semântico</p>

Tabela 15 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 5º ano.

Obra	Questão selecionada	Nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo
Sanchez (2014b)	Crie uma mensagem como a de Camila para um colega completar. Utilize verbos no presente, no pretérito e no futuro (p. 125).	Aplicar – Nível 3
Corrêa & Moreira (2017b)	E se quem praticasse a ação fosse eu e você, como ficaria a frase “Quero comer aquela verdura”? (p. 22).	Entender – Nível 2

Tabela 16 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.

3.3 Livros didáticos do 6º ano

3.3.1 *Português Linguagens*, Cereja & Magalhães (2012)

Na coleção *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2012), o capítulo de verbo é iniciado com o tópico: “Construindo o conceito”, em seguida há uma história em quadrinhos do *Menino Maluquinho*. Posteriormente, exercícios que perguntam o que aconteceu na história. Duas questões já induzem o leitor a conceituar semanticamente o verbo como palavra que indica “ação, estado ou fenômeno da natureza”, sendo elas:

- As ordens que o Menino Maluquinho dá indicam ações que o cão poderia praticar. Que outras palavras da tira também indicam ação?
- Observe esta frase: “o cachorro é só suporte!”

A palavra **é** indica ação ou estado?

Exercícios sobre verbo (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 222).

Em seguida, no tópico “Conceituando”, é apresentado um breve resumo sobre o que foi dito na história, sendo ele:

Palavras como pula, rola, deita, senta e pega, que exprimem ações, são chamadas de verbos. Além disso, os verbos também designam estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos. Veja:

‘O cachorro é só suporte!’ (estado)

A água virou colírio. (mudança de estado)

Choveu toda a noite. (fenômeno meteorológico).

Verbos são palavras que exprimem ações, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 223, grifo dos autores).

Esta é a definição comumente apresentada nos materiais didáticos de língua portuguesa, a qual é pautada no critério semântico. Sendo assim, é incompleta e precisa ser reelaborada de acordo com o critério compósito de Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]). Ademais, levando em consideração o domínio cognitivo, apesar de o subtítulo do capítulo ser “Construindo o conceito”, não ocorreu essa construção e o entendimento não foi muito bem trabalhado, apenas o conceito foi lançado. Dessa forma, a partir do uso do verbo *indicar* nos exercícios, nota-se que apenas o primeiro nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais – *lembrar* – foi o mais desenvolvido neste livro.

3.3.2 *Tecendo Linguagens*, Oliveira et al. (2015)

Em outro livro do 6º ano, agora de Tânia Oliveira, de Elizabeth Silva, de Cícero Silva e de Lucy Araújo (2015) – *Tecendo Linguagens*, o foco para a definição de verbo é a ação, o que contempla o critério semântico: “as palavras que exprimem ações que acontecem em determinado tempo fazem parte de uma classe gramatical chamada **verbo**” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 142, grifo dos autores). É seguido, entretanto, o mesmo padrão de texto e questões sobre ele, para, então, introduzir o conceito de verbo. Algumas atividades ainda induzem o leitor a definir o verbo de acordo com o que os autores querem destacar; no caso da obra citada, é o verbo como ação.

Em seguida, também são trabalhados os tempos e as pessoas do verbo, mas não há uma explicação adicional sobre isso, apenas o que significa e depois um exemplo. A parte diferente é que o tópico seguinte chama-se “Aplicando conhecimentos” e há a seguinte atividade:

Escreva um pequeno parágrafo contando como é seu dia a dia. Comece com a expressão “Todos os dias eu...”.

Depois de elaborar o texto, responda oralmente: que tempo verbal você usou para construir o parágrafo? Por quê?

Exercícios sobre verbo (OLIVEIRA et al., 2015, p. 143).

Apesar de a explicação ter sido abstrata e não ter uma verificação de que o aluno dominou o que significa verbo, nota-se um diferencial na obra *Tecendo linguagens*: é atingido o terceiro nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, que é a *aplicação*. Após recordar e compreender o assunto, o aluno o aplica por meio do verbo *escrever*; a atividade de construir o parágrafo foi uma forma de colocar em prática o que o foi

aprendido. Por mais que o conhecimento interno do estudante sobre isso não tenha sido ativado, nesse momento ele poderá saber caso seja desafiado a fazer isso.

Além disso, há também a verificação de qual tempo verbal foi utilizado na construção do parágrafo. Uma simples atividade tem o poder de enriquecer e estimular o sistema de aprendizagem, mesmo que as questões seguintes estejam enquadradas no sistema tradicional de perguntas que induzem a respostas sem um raciocínio crítico.

3.3.3 *Português linguagens*, Cereja & Vianna (2018)

Ao analisar a última edição da obra *Português linguagens*, escrita por William Cereja, agora com Carolina Dias Vianna (2018), reparou-se que, no capítulo de verbo, há o mesmo padrão da edição de seis anos atrás: o verbo/ construindo o conceito/ texto para iniciar o assunto/ e perguntas que já começam a induzir o leitor a definir, com base no critério semântico, que o verbo indica estado:

Observe estas frases:

- “Não **está** à venda!”
- “**Aproveite** para ver também!”

Em qual delas a palavra em destaque:

- a) indica um conselho, uma ordem?
- b) indica um estado, ou seja, uma situação em que algo se encontra?

Exercícios sobre verbo (CEREJA & VIANNA, 2018, p. 250).

A diferença é que nesta edição há uma explicação simplória do que seria estado: “uma situação em que algo se encontra” (CEREJA & VIANNA, 2018, p. 250), mas isso é insuficiente, porque, por exemplo, quando se diz “Maria está *triste*”, o adjetivo *triste* representa a “situação em que algo se encontra”, mas não é um verbo. Por isso, é preciso de uma reformulação na definição de verbo, já que a atual é contestável.

O ponto interessante no capítulo do livro *Português Linguagens* (2018) é que alguns exercícios trabalham mais o raciocínio lógico do estudante, pois há várias placas e uma tirinha do Armando, em que ele está “vendo” o pôr do sol, para que se compreenda a diferença do vendo (ver) e vendo (vender), como pode ser conferido abaixo:

O humor da tirinha é construído com base na ambiguidade de uma palavra, isto é, no fato de haver nela uma palavra que apresenta mais de um sentido.

- a) Qual é essa palavra? *Vendo*

b) Quais são os dois sentidos possíveis dessa palavra, na tira? A quais seções ações esses sentidos equivalem? *Os sentidos são “vender, comercializar” e “ver, apreciar, admirar”, que equivalem às ações de vender e ver, respectivamente.*

c) Identifique o sentido da palavra com o qual estão relacionadas as seguintes expressões da tira.

- “quanto quer” *vender*
- “à venda” *vender*
- “estou vendo” *ver*
- “aproveite pra ver também” *ver*

Exercícios sobre verbo (CEREJA & VIANNA, 2018, p. 250).

Após a conceituação, há essas perguntas de interpretação podem chegar ao nível de *compreensão/entendimento* da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, porque representa o uso de uma informação em contextos diferentes, o que seria a distinção. Dessa forma, é possível responder às questões de ambiguidade a respeito do verbo “vendo”, mas não ocorre a aplicação, o terceiro nível, pois seria preciso de uma atividade em que o aprendiz colocasse em prática o conhecimento aprendido, como explicar para outro aluno o que entendeu.

Após os exercícios, há o tópico “Conceituando”, o qual define antes, como na versão de 2012, com um resumo sobre o texto trabalhado o que é verbo. Em seguida: “verbos são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, *sempre* em relação a determinado tempo” (CEREJA & VIANNA, 2018, p. 252, grifo nosso). É a mesma definição apresentada no livro de 2012, com as mesmas palavras. É um livro recente, mas nada mudou em relação ao conceito de verbo.

A seguir, duas tabelas. A primeira contém a definição de verbo encontrada nos livros do 6º ano, bem como o apontamento de quais critérios foram utilizados na definição. Na segunda, são apresentados alguns exercícios e os níveis alcançados no domínio cognitivo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) abordado(s) – semântico, morfológico e/ou sintático
Cereja & Magalhães (2012)	Verbos são palavras que exprimem ações, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo (p. 223, grifo dos autores).	Semântico
Oliveira et al. (2015)	As palavras que exprimem ações que acontecem em determinado tempo fazem parte de uma classe gramatical chamada verbo (p. 142, grifo dos autores).	Semântico

Cereja & Vianna (2018)	Verbos são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo” (p. 252).	Semântico
-----------------------------------	---	-----------

Tabela 17 – Comparação do conceito de verbo dos livros do 6º ano.

Obra	Questão selecionada	Nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo
Cereja & Magalhães (2012)	A palavra é indica ação ou estado? (p. 222).	Lembrar – Nível 1
Oliveira et al. (2015)	Escreva um pequeno parágrafo contando como é seu dia a dia. Comece com a expressão “Todos os dias eu...”. Depois de elaborar o texto, responda oralmente: que tempo verbal você usou para construir o parágrafo? Por quê? (p. 143).	Aplicar – Nível 3
Cereja & Vianna (2018)	Quais são os dois sentidos possíveis dessa palavra, na tira? A quais seções ações esses sentidos equivalem? (p. 250)	Entender – Nível 2

Tabela 18 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.

3.4 Livros didáticos do 7º ano

3.4.1 *Para viver juntos*, Costa et al. (2015)

Na coleção *Para viver juntos*, Cibele Lopresti Costa, Eliane Gouvêa Lousada, Greta Marchetti, Jairo J. Batista Soares e Manuela Prado (2015) iniciam o capítulo com o subtítulo “Reflexão linguística”. Espera-se, assim, que haja uma reflexão sobre a língua, mas é apresentado em seguida o mesmo encontrado nos livros anteriores: um texto e exercícios que induzem à definição de verbo.

Assim, para relembrar o conteúdo, uma vez que estamos em um livro do sétimo ano, há essa explicação pautada no critério semântico, morfológico e sintático:

Verbos são as palavras de uma oração que indicam **estado, ação ou fenômeno em determinado tempo**: passado, presente ou futuro (*critério semântico*). Por pertencerem a uma classe de palavras variáveis, os verbos sofrem modificações em relação ao tempo, ao modo, ao número e à pessoa do discurso, de acordo com a necessidade do falante no ato de comunicação (*critério morfológico*).

Ao se ligarem a substantivos ou a pronomes pessoais, os verbos estabelecem uma relação de concordância de número e pessoa (*critério sintático*). Dessa maneira, apresentam variação de número, singular ou plural, e de pessoa, podendo estar em uma das três pessoas do discurso. Essas modificações são chamadas de **flexões**. (COSTA et al., 2015, p. 90. grifo dos autores).

A obra traz a mesma definição encontrada desde o quarto ano – “verbo denota ação, estado ou fenômeno da natureza”. Às vezes, mudam as palavras ou só a ordem dessa frase. Entretanto, nesta definição, encontra-se o início do critério sintático, quando existem a concordância verbal e as flexões. Em seguida, o título do capítulo é “Flexão verbal”, logo é lembrado que as flexões possuem modo, tempo, número e pessoa. É relatado também que a conjugação verbal é “a forma flexionada dos verbos” (COSTA et al., 2015, p. 90).

A revisão continua com a explicação dos modos verbais e o que cada um indica: o modo indicativo denota a certeza, e é flexionado no presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito. Já o modo subjuntivo indica a incerteza ou possibilidade, e representa a subordinação de algo a alguma condição. Este modo é flexionado apenas no presente, pretérito imperfeito e futuro. Por fim, são apresentadas as formas nominais: infinitivo – ideia de ação; gerúndio – “ação contínua”; e particípio – resultado do processo verbal.

Portanto, essas regras podem ser cansativas e “sem utilidade” para os alunos, uma vez que aplicabilidade delas para o cotidiano coloquial, falado, é muito baixa, além de eles já terem um prévio conhecimento sobre isso por meio da faculdade da linguagem, o que auxilia na comunicação. Todavia, esse conhecimento é útil para a escrita, a qual pressupõe a linguagem culta. Dessa forma, o estudante deve ser capaz de manipular esse conhecimento em várias situações de comunicação, uma vez que um diálogo entre amigos em uma roda social é diferente da linguagem que deve ser abordada em um tribunal.

Observa-se que são expostas diversas regras normativas da língua, o que pode não despertar o interesse pelo estudo de gramática. Apesar de ter, no final de cada unidade, os tópicos “o que você aprendeu neste capítulo”, que leva o aluno a revisar o conteúdo aprendido; e “autoavaliação”, momento de reflexão acerca do desempenho desenvolvido no capítulo, não há de fato uma reflexão linguística. Esses dois tópicos são importantes no processo de aprendizagem da criança, pois assim ela pode revisar e refletir sobre o que aprendeu, todavia precisam ser mais aproveitados com atividades que realmente levem o aluno a revisar o que aprendeu e refletir sobre, como explicar o que aprendeu para outra pessoa.

Além disso, os autores dessa coleção tentaram despertar o interesse dos alunos por meio de atividades com imagens mais interativas, coloridas e atrativas. Contudo, continuam focados apenas na definição, a nomenclatura ainda é complexa e o conteúdo, pouco explicado, como pode ser notado:

- a) O que as palavras em destaque indicam sobre a personagem do texto?
- b) A que classe gramatical elas pertencem?
- c) Que outras palavras do texto pertencem à mesma classe gramatical?

Exercícios sobre verbo (COSTA et al., 2015, p. 90)

Após a definição de verbo, há duas seções de atividades na obra, a primeira chama-se “Na prática”, a qual apresenta sete questões, mas todas exigem do aluno a capacidade de saber *identificar*. Já a segunda seção intitula-se “Língua viva – o uso dos tempos verbais na fala e na escrita”, também com sete questões que exigem a identificação, entretanto a quarta pergunta é:

- Reveja a capa do jornal.
- a) Em seu caderno, reproduza as manchetes empregando os verbos no pretérito perfeito.
- b) Suponha que um jornal com essas manchetes estivesse nas bancas. Como você imagina que o leitor o receberia?

Exercícios sobre verbo (COSTA et al., 2015, p. 96).

Mesmo que não seja solicitado o ato de identificar, a tarefa de *reproduzir* também se enquadra no primeiro nível, *conhecimento* ou *lembrar*, da Taxonomia dos Objetivos Educacionais. Dessa, no capítulo sobre verbo do livro *Para viver juntos*, os exercícios aplicados alcançam apenas o primeiro nível da Taxonomia.

Apesar das limitações, *Para viver juntos* apresenta um ponto interessante: há sugestões de leituras e sites para os professores. Dessa forma, o foco não é somente transmitir o conhecimento para o aluno, o professor também recebe atenção. Assim, o livro faz jus à proposta de Oliveira, em que "é preciso valorizar o conhecimento, o estudo e o professor" (OLIVEIRA, 2016, p. 156).

Nos livros mais recentes, a definição de verbo é trabalhada apenas no sexto ano. Nos anos seguintes, há as facetas do verbo: conjugação, flexão, regência, entre outras, que não é o objeto de análise desta pesquisa por enquanto. Por conta dessa alteração, não foi encontrado um livro mais atual do sétimo ano para fazermos a comparação.

A seguir, duas tabelas. A primeira contém a definição de verbo encontrada nos livros do 7º ano, bem como o apontamento de quais critérios foram utilizados na

definição. Na segunda, são apresentados alguns exercícios²⁷ e os níveis alcançados no domínio cognitivo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) – semântico, morfológico e/ou sintático	abordado(s) – morfológico e/ou sintático
Costa et al. (2015)	Verbos são as palavras de uma oração que indicam estado, ação ou fenômeno em determinado tempo: passado, presente ou futuro. Por pertencerem a uma classe de palavras variáveis, os verbos sofrem modificações em relação ao tempo, ao modo, ao número e à pessoa do discurso, de acordo com a necessidade do falante no ato de comunicação. Ao se ligarem a substantivos ou a pronomes pessoais, os verbos estabelecem uma relação de concordância de número e pessoa. Dessa maneira, apresentam variação de número, singular ou plural, e de pessoa, podendo estar em uma das três pessoas do discurso. Essas modificações são chamadas de flexões (p. 90. grifo dos autores).	Semântico, morfológico	sintático e

Tabela 19 – Definição de verbo do 7º ano.

Obra	Questão selecionada	Nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo
Costa et al. (2015)	Em seu caderno, reproduza as manchetes empregando os verbos no pretérito perfeito (p. 96).	Lembrar – Nível 1

Tabela 20 – Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.

3.5 Livros didáticos do 2º ano

3.5.1 *Português: língua e cultura*, Faraco (2005)

No livro da segunda série do ensino médio, de língua portuguesa, Carlos Faraco (2005) apresenta um capítulo cujo título é: “Breve visita às dez classes de palavras”. Neste

²⁷ Selecionamos apenas uma questão de cada livro para a tabela não ficar muito longa.

capítulo, as classes não são definidas, não há um tópico para explicar: “verbo é isso” ou “substantivo é aquilo”. Assim, Faraco já parte das características que se destacam em cada classe de palavra.

A respeito do verbo, Faraco ressalta que “são as palavras que mais variam em português” (2005, p. 113). Depois apresenta os três tipos de conjugações²⁸ e as flexões²⁹; aborda os verbos regulares e irregulares e, em seguida, destaca que “os verbos se caracterizam por serem **as palavras sintaticamente mais poderosas da língua**: são eles que constituem o núcleo estruturador das sentenças. É a partir dele que construímos as nossas sentenças” (FARACO, 2005, p. 114, grifos do autor). Essa característica se enquadra no critério funcional ou sintático de Camara Jr. (2015 [1970]).

É interessante que Faraco não apresenta, primeiramente ou apenas, a definição de verbo baseada no critério semântico. O autor inicia com a definição de acordo com o critério sintático:

Os verbos têm a peculiaridade semântica de conter em si o *gérmen de toda uma cena*: eles pressupõem, em seu significado, outros componentes básicos de uma cena. Pense, por exemplo, no verbo *vender* – ele faz referência a uma ação e, como tal, pressupõe um agente (aquele que a realiza) e um objeto (o ente que é vendido, isto é, que ‘sofre’ a ação).

Para construir uma sentença com o verbo *vender*, basta desenvolver o *gérmen* que ele contém. E fazemos isso indicando concretamente o agente e o objeto. Assim, na sentença ‘João vendeu seu computador’, João é o agente (o ser que realizou a ação de vender) e seu computador é o objeto (o ente que foi vendido, que ‘sofreu’ a ação de vender) (FARACO, 2005, p. 114, grifos do autor).

Nota-se que Faraco não fugiu desse padrão de conceituar o verbo como o que “sofre a ação”, mas tentou, sucintamente, relacionar isso à função que o verbo desempenha na sentença. Posteriormente, o autor relata que o fato de o verbo ter ou não objeto se enquadra no complemento, assim, há a classificação dos verbos transitivos e intransitivos.

Faraco finaliza o tópico do verbo com essa explicação: “O mais importante aqui não é tanto a terminologia (o nome que damos aos ‘bois’), mas você perceber *intuitivamente* o comportamento dos verbos na estruturação das sentenças” (FARACO, 2005, p. 116, grifo nosso). Apontar que o aluno vai ‘perceber intuitivamente’ é valorizar o conhecimento interno dele, assim ele não precisa decorar as definições.

²⁸Primeira conjugação – verbos que terminam em *-ar* (visitar); segunda: *-er* ou *or* (vencer/ supor); terceira: *-ir* (partir).

²⁹Pessoa; número; tempo; e modo.

Por fim, há as atividades. O verbo foi a única classe que, após a explicação, teve exercícios, e esses começaram assim: “Considerando a riqueza *morfológica* e *sintática* dos verbos, vamos fazer, neste ponto, alguns exercícios para ampliar sua percepção desta classe de palavras” (FARACO, 2005, p. 116, grifo nosso). Essas, por sua vez, são três questões que tratam a respeito do infinitivo, das conjunções e das flexões do verbo. Elas envolvem atividades em grupo, para consultar o dicionário e verificar os verbetes correspondentes de alguns verbos. Já o comando da terceira questão é esse:

Vamos, agora, fazer uma visita à gramática. Novamente em pequenos grupos, localizem o capítulo que trata dos verbos. Em seguida, consultem os quadros das conjunções para observar como as formas são distribuídas em termos de pessoa, número, tempo e modo. Por fim, digam a forma que corresponde a cada uma das seguintes descrições:

- a) Terceira pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo do verbo *encontrar*,
- b) Terceira pessoa do singular do imperfeito do indicativo do verbo *trazer*,
- c) Segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *sentar*,
- d) Gerúndio e particípio do verbo *irritar*.

Exercícios sobre verbo (FARACO, 2005, p. 116).

Nota-se que essas questões solicitam, além do conhecimento interno do estudo, um breve entendimento sobre o conteúdo, para conseguir aplicá-lo na atividade. Assim sendo, a respeito da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, o nível *lembrar* é aplicado, pois o ato de *localizar* refere-se à ideia de identificar, listar.

3.5.2 *Português Linguagens*, Cereja & Magalhães (2008)

Já no livro *Português Linguagens*, de William Cereja e Thereza Magalhães (2008), também da segunda série do ensino médio, o primeiro tópico no capítulo do verbo é “Construindo o conceito”. Assim, é pedido para observar a pintura de Georges Seurat, *Domingo na Grande Jatte*³⁰. Em seguida, há duas questões as quais perguntam o que os parisienses fazem no parque, se o tempo está bom ou ruim e qual atividade ou profissão os personagens desempenham no cotidiano.

A partir disso, é apresentado o tópico “Conceituando”, o qual relata: “ao responder às questões acima, você deve ter empregado palavras ou expressões como *passeiam*, *conversam*, *são* etc. Essas palavras são **verbos**” (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 164, grifos dos autores). Em seguida, é definido que verbos “são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a

³⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/QoHwE9>>. Acesso em 31 de julho de 2018.

determinado tempo” (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p 164), novamente pautada no critério morfológico.

Assim, são expostos três exemplos:

Eles *passavam* no parque.
Ação

As pessoas *estão* felizes.
Estado

Faz sol.
Fenômeno meteorológico

Exemplos sobre verbo (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 165).

Dessa forma, os autores abordam apenas o critério semântico para conceituar o verbo. Posteriormente, explicam sobre locução verbal; flexão dos verbos – incluem a voz, diferentemente de Faraco (2005); formas nominais dos verbos; classificação dos verbos; e conjugações. Na página seguinte, estão os exercícios sobre verbo, são seis questões, a primeira é iniciada com a solicitação da leitura de uma tirinha de Mafalda, na qual ela imagina que, quando crescer, será intérprete da ONU. As perguntas são:

- a) Identifique um verbo empregado no modo subjuntivo. *Quando eu crescer*
b) Identifique uma locução verbal. *Vou ser; vou contribuir*

Exercícios sobre verbo (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 166).

As questões descritas envolvem a atividade de *reconhecer, identificar e completar*. Dessa forma, quanto à Taxonomia dos Objetivos Educacionais, pode-se notar que o primeiro nível – *lembrar* – é abordado, já que os verbos utilizados nas atividades correspondem ao ato de *identificar*, verbo do primeiro nível.

3.5.3 *Português Linguagens*, Cereja; Dias Vianna; Damien (2016)

No livro mais recente de Cereja, escrito com Carolina Dias Vianna e Christiane Damien (2016), aprovado pelo PNL D para o triênio de 2018 a 2020, há o mesmo modelo: texto e questões sobre ele. Essas tratam a respeito do estereótipo de beleza e, dessa vez, mostraram abreviações da linguagem coloquial.

Releia as frases das baleias:

“Você acha que eu tô gorda?”

“Pra mim você tá sempre gorda, meu amor”.

- a) O anúncio brinca com um estereótipo de beleza muito difundido atualmente. Qual é esse estereótipo e como o anúncio o aborda?
- b) As formas em destaque são típicas da fala e pertencem a um mesmo verbo. Qual é esse verbo e como ele seria representado em uma escrita formal?
- c) Deduza: por que o anúncio optou por escrevê-las dessa forma?
- d) Complete, em seu caderno, a frase a seguir com o mesmo verbo, imaginando que ela foi dita pela baleia macho: “Na verdade, nós dois _____ gordos”.

Exercícios sobre verbo (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 197, grifos dos autores).

São dois assuntos atuais e relevantes. Nos livros anteriores, não foi abordado sobre a linguagem informal, sequer trabalhada naqueles materiais. Ademais, há a possibilidade, na alternativa D, de utilizar o “estamos” ou “tamos”. Isso permite a apresentação de algumas das evoluções da língua, além de levar o aluno à reflexão, como na alternativa C. Entretanto, as questões seguintes continuam no padrão de pergunta que pode ser respondida sem uma reflexão crítica, para tentar levar o aluno a lembrar o que é uma ação, afirmação e pedido ou ordem.

No tópico seguinte, “Reflexões sobre a língua”, há um resumo sobre o que foi dito na seção anterior, mas que traz algo diferente: definição separada “do ponto de vista semântico” e “do ponto de vista morfológico”. Do ponto de vista semântico, “verbo é a palavra que expressa ações, atividades, estados, eventos ou fenômenos”. (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 198). Não é feito algum comentário sobre essa definição, que, por sinal, deixa dúvidas sobre o que poderiam ser esses eventos e esses fenômenos. Contudo, não há uma explicação que responda a essas dúvidas.

Em seguida, a definição do ponto de vista morfológico,

Os verbos em língua portuguesa se dividem entre os de 1^a, de 2^a e de 3^a conjugação, dependendo da vogal temática, isto é, da vogal que aparece na terminação dos verbos.

A raiz da palavra contém o sentido do verbo e a vogal temática (VT) determina sua conjugação. Acrescido da desinência *r*, forma-se o infinitivo.

Ainda do ponto de vista morfológico, os verbos, assim como os pronomes, são palavras que flexionam em pessoas (1^a, 2^a e 3^a) e número (singular e plural). Além dessas flexões, os verbos também variam segundo o tempo (passado, presente e futuro) e o modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 198-199).

Não foi apresentada uma definição sintática. Os autores fizeram a separação para ajudar os alunos, mas trouxeram conceitos já comentados em livros de edições e anos anteriores. Esse padrão, mais uma vez, faz que apenas o primeiro nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais seja explorado, pois há apenas a explicação para deduzir o

conteúdo e completar as sentenças, ações que estão no campo semântico dos verbos do primeiro nível – *lembrar*, como *identificar*.

A seguir, duas tabelas. A primeira contém a definição de verbo encontrada nos livros do 2º ano, bem como o apontamento de quais critérios foram utilizados na definição. A segunda, alguns exercícios e os níveis alcançados na Taxonomia dos Objetivos Educacionais – ao decorrer de todo o capítulo sobre verbo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) – abordado(s) – semântico, morfológico e/ou sintático
Faraco (2005)	<p>Os verbos se caracterizam por serem as palavras sintaticamente mais poderosas da língua: são eles que constituem o núcleo estruturador das sentenças. É a partir dele que construímos as nossas sentenças.</p> <p>Os verbos têm a peculiaridade semântica de conter em si o gérmen de toda uma cena: eles pressupõem, em seu significado, outros componentes básicos de uma cena. Pense, por exemplo, no verbo vender – ele faz referência a uma ação e, como tal, pressupõe um agente (aquele que a realiza) e um objeto (o ente que é vendido, isto é, que ‘sofre’ a ação).</p> <p>Para construir uma sentença com o verbo vender, basta desenvolver o gérmen que ele contém. E fazemos isso indicando concretamente o agente e o objeto. Assim, na sentença ‘João vendeu seu computador’, João é o agente (o ser que realizou a ação de vender) e seu computador é o objeto (o ente que foi vendido, que ‘sofreu’ a ação de vender) (p. 114, grifos do autor).</p>	Sintático e Semântico
Cereja & Magalhães (2008)	São palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo (p 164).	Semântico
Cereja; Dias Vianna; Damien (2016)	<p>Do ponto de vista semântico, verbo é a palavra que expressa ações, atividades, estados, eventos ou fenômenos.</p> <p>Do ponto de vista morfológico, os verbos em língua portuguesa se dividem entre os de 1ª, de 2ª e de 3ª conjugação, dependendo da vogal temática, isto é, da vogal que aparece na terminação dos verbos.</p> <p>A raiz da palavra contém o sentido do verbo e a vogal temática (VT) determina</p>	Semântico e morfológico

	<p>sua conjugação. Acrescido da desinência r, forma-se o infinitivo. Ainda do ponto de vista morfológico, os verbos, assim como os pronomes, são palavras que flexionam em pessoas (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural). Além dessas flexões, os verbos também variam segundo o tempo (passado, presente e futuro) e o modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) (p. 198-199).</p>	
--	---	--

Tabela 21 – Comparação da definição de verbo dos livros do 2º ano.

Obra	Questão selecionada	Nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo
Faraco (2005)	Vamos, agora, fazer uma visita à gramática. Novamente em pequenos grupos, localizem o capítulo que trata dos verbos. Em seguida, consultem os quadros das conjunções para observar como as formas são distribuídas em termos de pessoa, número, tempo e modo (p. 116).	Lembrar – Nível 1
Cereja & Magalhães (2008)	Identifique um verbo empregado no modo subjuntivo (p. 166).	Lembrar – Nível 1
Cereja; Dias Vianna; Damien (2016)	Complete, em seu caderno, a frase a seguir com o mesmo verbo, imaginando que ela foi dita pela baleia macho: “Na verdade, nós dois _____ gordos” (p. 197)	Lembrar – Nível 1

Tabela 22 - Comparação do nível alcançado na Taxonomia do Domínio Cognitivo.

Para retomar o que foi dito neste capítulo, na tabela a seguir estão organizadas e sistematizadas as definições vistas nas seções acima. A tabela está dividida em três colunas: na primeira, apresentamos a obra analisada; na segunda coluna, trazemos a definição de verbo encontrada; na terceira, apresentamos nossa avaliação em relação ao(s) critério(s) utilizado(s) pelo livro didático para apresentar o conceito de verbo.

Obra consultada	Definição de verbo	Critério(s) abordado(s) – Semântico, morfológico e/ou sintático
SANCHEZ, 2014a – 4º ano	Verbo é uma palavra que indica ação, estado de um ser ou fenômeno da natureza (p. 187).	Semântico
CORRÊA; MOREIRA, 2017a – 4º ano	As palavras que se modificam para indicar os tempos passado, presente e futuro recebem o nome de verbo . Os verbos, além de indicar os tempos passado, presente e futuro, indicam a pessoa que está falando, com quem ela está falando e de quem está falando. O verbo concorda com a pessoa a que se refere. Exemplos: eu vi a cumbuca. Eles viram a cumbuca” (p. 147, grifos das autoras).	Semântico e morfológico
SANCHEZ, 2014b – 5º ano	Verbo é a palavra que indica uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza situados no tempo (p. 120).	Semântico
CORRÊA; MOREIRA, 2017b – 5º ano	O verbo é uma das palavras usadas para indicar o tempo em que os fatos ocorrem. Ele expressa a ideia de presente, passado ou futuro (p. 22).	Semântico e morfológico
CEREJA; MAGALHÃES, 2012 – 6º ano	Verbo são as palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo (p. 223).	Semântico
OLIVEIRA et al., 2015 – 6º ano	As palavras que exprimem ações que acontecem em determinado tempo fazem parte de uma classe gramatical chamada verbo (p. 142, grifo dos autores).	Semântico
CEREJA; VIANNA, 2018 – 6º ano	Verbos são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, <i>sempre</i> em relação a determinado tempo (p. 252, grifo nosso).	Semântico
COSTA et al., 2015 – 7º ano	Verbo são as palavras de uma oração que indicam estado, ação ou fenômeno em determinado tempo : passado, presente ou futuro. Por pertencerem a uma classe de palavras variáveis, os verbos sofrem modificações em relação ao tempo, ao modo, ao número e à pessoa do discurso, de acordo com a necessidade do falante no ato de comunicação. Ao se ligarem a substantivos ou a pronomes pessoais, os verbos estabelecem uma relação de concordância de número e pessoa. Dessa maneira, apresentam variação de número, singular ou plural, e de pessoa, podendo estar em uma das três pessoas do discurso. Essas modificações são chamadas de flexões (p. 90, grifos dos autores).	Semântico, morfológico e sintático
FARACO (2005) – 2º ano	Os verbos se caracterizam por serem as palavras sintaticamente mais poderosas da língua : são eles que constituem o núcleo estruturador das sentenças. É a partir dele que construímos as nossas sentenças.	Sintático e semântico

	<p>Os verbos têm a peculiaridade semântica de conter em si o <i>gérmen de toda uma cena</i>: eles pressupõem, em seu significado, outros componentes básicos de uma cena. Pense, por exemplo, no verbo <i>vender</i> – ele faz referência a uma ação e, como tal, pressupõe um agente (aquele que a realiza) e um objeto (o ente que é vendido, isto é, que ‘sofre’ a ação).</p> <p>Para construir uma sentença com o verbo <i>vender</i>, basta desenvolver o <i>gérmen</i> que ele contém. E fazemos isso indicando concretamente o agente e o objeto. Assim, na sentença ‘João vendeu seu computador’, João é o agente (o ser que realizou a ação de vender) e seu computador é o objeto (o ente que foi vendido, que ‘sofreu’ a ação de vender) (p. 114, grifos do autor).</p>	
CEREJA; MAGALHÃES, 2008 – 2º ano	Verbo são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo (p. 164).	Semântico
CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016 – 2º ano	<p>Do ponto de vista semântico, verbo é a palavra que expressa ações, atividades, estados, eventos ou fenômenos.</p> <p>Do ponto de vista morfológico, os verbos em língua portuguesa se dividem entre os de 1ª, de 2ª e de 3ª conjugação, dependendo da vogal temática, isto é, da vogal que aparece na terminação dos verbos.</p> <p>A raiz da palavra contém o sentido do verbo e a vogal temática (VT) determina sua conjugação. Acrescido da desinência <i>r</i>, forma-se o infinitivo.</p> <p>Ainda do ponto de vista morfológico, os verbos, assim como os pronomes, são palavras que flexionam em pessoas (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural). Além dessas flexões, os verbos também variam segundo o tempo (passado, presente e futuro) e o modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) (p. 198-199).</p>	Semântico e morfológico

Tabela 23 – Quadro comparativo das definições de verbo encontradas nos livros didáticos de língua portuguesa com a análise dos critérios abordados³¹.

Na tabela seguinte, há outra revisão sobre os dados do capítulo de verbo dos livros didáticos escolhidos, agora para relembrar os níveis explorados do domínio cognitivo, o que tem sido mais abordado no meio educacional, da Taxonomia dos Objetivos Educacionais.

³¹ Produção nossa.

Obra consultada	Nível(is) da Taxonomia dos Objetivos Educacionais – lembrar; entender; aplicar; analisar; sintetizar; e criar.
SANCHEZ, 2014a – 4º ano	Lembrar
CORRÊA; MOREIRA, 2017a – 4º ano	Lembrar
SANCHEZ, 2014b – 5º ano	Lembrar, entender e aplicar
CORRÊA; MOREIRA, 2017b – 5º ano	Lembrar e entender
CEREJA; MAGALHÃES, 2012 – 6º ano	Lembrar
OLIVEIRA et al., 2015 – 6º ano	Lembrar, entender e aplicar
CEREJA; VIANNA, 2018 – 6º ano	Lembrar e entender
COSTA et al., 2015 – 7º ano	Lembrar
FARACO (2005) – 2º ano	Lembrar
CEREJA; MAGALHÃES, 2008 – 2º ano	Lembrar
CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016 – 2º ano	Lembrar

Tabela 24 - Níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais aplicados no capítulo de verbo dos livros didáticos analisados.

3.6 Considerações parciais

Neste capítulo, foi feito um estudo comparativo dos livros didáticos de língua portuguesa, com o intuito de verificar a definição de verbo nesses compêndios. Além disso, foram observados os critérios abordados nas obras e se o ano de publicação ou a série escolar diferem nesse conceito. Foram analisados onze livros didáticos. Ademais, verificamos quais nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais foram atingidos nos exercícios dos capítulos dos livros didáticos estudados.

Quantos aos livros didáticos, o intuito era utilizar para análise pelo menos dois livros de cada série escolhida, sendo possível, assim, realizar a comparação por ano de publicação. Observou-se que os livros seguem um padrão: texto-questões-definição sobre o verbo. As definições vistas aparentam não levar o aluno a pensar sobre o conceito que lhe foi apresentado nem tentar expandir o assunto, apenas construir um conceito a partir do que foi entendido. Já vem tudo pronto e imposto.

No *Projeto Buriti* (2014a), 4º ano, há muitas regras para uma criança que está começando a ter contato com a gramática. Na *Coleção Crescer* (2017a), também do 4º ano, o verbo é definido com os mesmos critérios semântico e morfológico encontrados

em outras obras. Além disso, a apresentação do capítulo segue o mesmo padrão que o induz o aluno a conceituar o verbo como uma ação. A abordagem de ensino do *Projeto Buriti* está voltada para a semântica, além de ser focada nas regras da Gramática Tradicional, doravante GT, pois são apresentadas regras de concordância, de pessoa, de tempo. O livro também foca na memorização de palavras, o que não favorece o aprendizado. No *Manual do Professor*, há a seguinte informação: "ênfatize que a consulta ao dicionário e o hábito de escrever ajudam a memorizar a grafia das palavras" (SANCHEZ, 2014a, p. 356). O livro está muito mais preocupado com a memorização, boa fala e escrita do que no aprendizado real do aluno; tanto que as subseções de cada unidade têm por título "Para falar e escrever melhor".

Nos livros do 5º ano, também foi encontrada definição semelhante para o verbo. *Projeto Buriti* (2014b) parte do que o aluno já sabe, mas não é feita revisão para ajudar o aluno a relembrar o conteúdo. Já a Coleção *Crescer* (2017b) aborda atividades que tentam envolver a participação da criança, o que demonstra um avanço, entretanto o conceito de verbo não sofreu alguma modificação em relação às edições anteriores.

Para o 6º ano, foi adotado o livro *Português Linguagens* (2012), um dos mais conhecidos no meio educacional. Apesar disso, ainda há a definição tradicional e arbitrária de verbo que muitos já sabem, além de apresentar falhas na interpretação, como a nominalização (RIO-TORTO, 2018). A edição de 2018 explora apenas um diferencial, que é explicar o que é estado – “situação em que algo se encontra”. Entretanto, isso continua sendo superficial para a compreensão do aluno. Na Coleção *Tecendo Linguagens* (2015), ainda que a definição de verbo seja voltada apenas para a ação, a parte positiva dessa obra é que os autores passam uma atividade para os alunos produzirem um texto e colocarem em prática o conhecimento, aplicá-lo.

A Coleção *Para Viver Juntos* (2015) foi objeto de análise de livro didático para o 7º ano. O subtítulo do capítulo dessa obra é “Reflexão linguística”, contudo não ocorre essa reflexão. O texto contém o mesmo padrão de exercícios e a definição tradicional, além de ser um compilado de regras.

O 2º ano do ensino médio foi analisado a partir do livro *Português: língua e cultura* (2005), publicado há mais de uma década e, até o momento, foi a obra mais autêntica encontrada. Não é apresentada a definição padrão e tradicional, e, na verdade, o título do capítulo é “Breve visita às dez classes de palavras”; ou seja, Faraco (2005) faz o resumo de todas as classes em poucas páginas. Além disso, o autor apresenta as características do verbo e como ele funciona sintaticamente na oração. Com isso, destaca

um pensamento pertinente: “o mais importante aqui não é tanto a terminologia (o nome que damos aos ‘bois’), mas você perceber *intuitivamente* o comportamento dos verbos na estruturação das sentenças” (FARACO, 2005, p. 116, grifo nosso). Entretanto, por mais que Faraco aborde a definição de verbo de forma crítica, ainda encontramos falhas nos exercícios aplicados, pois apenas o primeiro nível da Taxonomia dos Objetivos Educacionais foi contemplado, ou seja, não houve a instigação da capacidade crítica dos alunos.

A obra seguinte estudada foi *Português Linguagens* (2008), que também apresenta a definição de verbo comumente encontrada desde a educação infantil. É um livro sem aprofundamento, por se tratar de ensino médio. No livro mais recente do 2º ano do mesmo autor, que tem como título *Português Contemporâneo* (2016), ainda é abordado o conceito habitual, mas o que podemos destacar de positivo é que essa obra trata do estereótipo de padrão de beleza e abreviações da linguagem coloquial. Isso aproxima o estudante do texto, pois ele pode se identificar com aquelas atualizações, afinal a linguagem das GTs é distante da realidade dos jovens.

Quanto à Taxonomia dos Objetivos Educacionais, apesar de os três domínios (cognitivo, afetivo e psicomotor) terem sido expostos, somente o domínio cognitivo foi objeto de análise, porque esta pesquisa tem por objetivo o estudo comparativo dos materiais didáticos, que envolvem mais a cognição e o meio educacional – campo mais estudado no domínio cognitivo. Observou-se que, raramente, os livros didáticos sugerem ou estimulam a aplicação do conhecimento aprendido – o entendimento será concretizado se houver uma verificação concreta do que o aluno verdadeiramente aprendeu.

Vale relembrar os seis níveis, de acordo com a taxonomia atualizada recentemente: *lembrar*; *entender*; *aplicar*; *analisar*; *sintetizar* e *criar*. O primeiro nível é o mais abordado, principalmente com o uso do verbo identificar. Nos onze livros didáticos analisados, seis deles utilizaram apenas o nível *lembrar* nas atividades sobre verbo. Quanto ao segundo nível, *entender*, quatro obras atingiram-no, sendo que duas dessas também avançaram para o terceiro nível. As que abordaram apenas até o segundo nível foram a de Corrêa & Moreira (2017b), 5º ano, e a de Cereja & Vianna (2018), 6º ano. Na primeira obra, há perguntas que exigem do aluno um raciocínio maior: “e se quem praticasse a ação fosse eu e você, como ficaria a frase ‘Quero comer aquela verdura?’” (CORRÊA; MOREIRA, 2017b, p. 22), a ação de *decodificar* ou *distinguir* envolve muito mais o ato de lembrar o conteúdo, o que também é solicitado na outra obra: “quais são os dois sentidos possíveis dessa palavra, na tira? A quais seções ações esses sentidos

equivalem?” (CEREJA; VIANNA, 2018, p. 250). Nota-se, assim, que é exigido, nesses dois livros, muito mais que o aluno identifique a resposta, por isso avançaram para o segundo nível.

Já os dois livros didáticos que alcançaram o terceiro nível – *aplicação* – foram o de Sanchez (2014b) e o de Oliveira et al. (2015), 5^o e 6^o anos, respectivamente. A atividade da primeira obra tem como comando “Crie uma mensagem como a de Camila para um colega completar” (SANCHEZ, 2014b, p. 125). Além de solicitar que o aluno escreva uma mensagem, ele terá de compartilhar o texto com outro colega, o que incentiva a interação entre os estudantes. Esse tipo de tarefa faz que haja a participação das crianças, o que é benéfico para a construção da aprendizagem. Já o outro livro também apresenta uma atividade que envolve a escrita: “Escreva um pequeno parágrafo contando como é seu dia a dia. Comece com a expressão ‘Todos os dias eu...’” (OLIVEIRA et al., p. 143). Por mais que seja um relato diário, é um tipo de tarefa que levará o aluno à produção de texto e à aplicação do conhecimento.

Nota-se, dessa forma, as atividades propostas nos livros didáticos de língua portuguesa não exploram os seis níveis da Taxonomia, o terceiro nível foi nível mais alto atingido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve o objetivo de fazer um estudo sobre o ensino da classe gramatical “verbo” nos livros didáticos de língua portuguesa na educação básica. A pesquisa foi norteada por questões de natureza conceitual e metodológica. As de natureza conceitual buscaram investigar o conceito de verbo nas gramáticas tradicionais, nos livros didáticos, da educação básica ao ensino médio, e em pesquisas linguísticas. Já as questões de natureza metodológica investigaram as atividades sobre a classe verbal presentes nos livros didáticos sob a ótica da Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956; WILSON, 2001), buscando entender em que níveis de operações cognitivas as atividades sobre os verbos atingem nos materiais didáticos usados na escola.

A metodologia utilizada foi revisão de estudos linguísticos sobre o tema: Camara Jr. (2015 [1970]); Pinilla (2016) e Minussi (2019). Tais autores sugerem que a definição da classe de palavras deveria ser pautada nos critérios semântico, mórfico e funcional. Entretanto, como ressaltado, o que foi encontrado nos compêndios analisados foi que o critério semântico, precedido do mórfico, são os que predominam na definição de verbo dos livros didáticos de língua portuguesa. Por outro lado, em todas as gramáticas tradicionais selecionadas, foram encontrados os três critérios ao conceituar verbo.

Para realizar o estudo comparativo, foram utilizadas cinco gramáticas tradicionais, sendo elas: *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2008); *Gramática do português contemporâneo*, de Cunha (2017 [1984]); *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009 [1999]); *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2003); e *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2016).

Além disso, avaliamos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental I ao ensino médio para realizar o estudo comparativo. Sendo assim, os livros do ensino fundamental I foram: *Projeto Buriti*, da editora Sanchez (2014); *Crescer*, de Corrêa & Moreira (2017). Ensino fundamental II: *Português – Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2012); e a edição da obra de Cereja & Dias Vianna (2018); *Tecendo Linguagens* – de Oliveira et al. (2015); *Para viver juntos*, de Costa et al. (2015). Ensino médio: *Português: língua e cultura*; de Faraco (2005); *Português Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2008); e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja, Dias Vianna e Damien (2016).

As perguntas que nortearam a presente pesquisa foram as seguintes 1) Qual a definição de verbo apresentada nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua

portuguesa analisados? 2) Qual ou quais os critérios (morfológico, semântico e/ou funcional) utilizados nos livros didáticos para apresentar essa classe gramatical? 3) Qual a sequência didática apresentada nos livros didáticos de língua portuguesa para abordar a classe “verbo”? 4) Quais níveis da Taxonomia dos Objetivos Educacionais estão presentes nas atividades dos materiais didáticos? 5) A conceituação da categoria gramatical “verbo” varia de acordo com o nível de escolaridade?

Quanto à primeira e à segunda perguntas, sobre a definição de verbo apresentada nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos de língua portuguesa analisados, observou-se que, principalmente nos livros, o conceito de verbo predominante é: “verbo é a palavra que indica ação, estado de um ser e fenômeno da natureza”. Definição pautada apenas no critério semântico, o que a torna suscetível à diversidade de interpretações, como o processo de nominalização, no qual uma palavra indica ação, mas não é verbo: o *desmatamento* da floresta.

Além disso, foi notado que as gramáticas tradicionais definem a classe verbal com base nos critérios semântico, sintático e morfológico. Apesar disso, tais conceitos ainda envolvem possíveis falhas, como o apresentado por Bechara (2003 [1999]): “Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (p. 194), por mais que estejam presentes os três critérios, ainda existe a questão de o verbo indicar ação. Dessa forma, o problema consistente nos livros didáticos pode ter como base as gramáticas tradicionais. Já na gramática de Castilho (2016), verbo foi conceituado de acordo com o discurso, além dos três critérios, o que já demonstra um pequeno avanço para campo gramatical.

Sobre a sequência didática apresentada nos livros didáticos para definir verbo, nossa terceira questão, notamos que ocorre uma padronização nos livros didáticos: é sempre um texto, em seguida, questões sobre ele, que levam o aluno a elaborar o conceito de verbo e a definição de verbo muito semelhante à vista nas outras obras. Não importa a série nem a edição do livro, esse padrão se repetirá.

Após a análise de cinco gramáticas e onze livros didáticos, é possível afirmar, de acordo com o que defende Pinilla (2016), que “as definições normalmente encontradas nos compêndios gramaticais são semelhantes, com apenas algumas variações” (p. 172). Outra observação relevante que constituiu uma contribuição deste trabalho é que não há diferenças na abordagem dada à classe gramatical do verbo, nem no quesito relacionado ao ano da publicação, nem no que se refere ao conceito apresentado na educação infantil

e no ensino médio. Do ensino fundamental I ao ensino médio, o verbo representa “ação, estado ou fenômeno da natureza”.

A Taxonomia dos Objetivos Educacionais (BLOOM, 1956) também foi objeto de análise nessa dissertação. Tal Taxonomia é dividida em três domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. Contudo, apenas a Taxonomia do Domínio Cognitivo foi utilizada como suporte metodológico de nossa pesquisa, uma vez que é o domínio que mais se relaciona ao meio educacional. Em relação à quarta pergunta, observou-se que nas atividades sobre verbos dos materiais didáticos, dos seis domínios (*lembrar, entender, aplicar, analisar, sintetizar* e *criar*), o primeiro foi o único abordado em todos os livros, dos onze analisados. Já o nível *entender*, foi encontrado em quatro livros didáticos de língua portuguesa. Desses quatro, apenas dois avançaram para o terceiro nível, *aplicar*. Já os três últimos níveis não foram encontrados em nem um dos materiais didáticos analisados.

A última questão que norteou essa pesquisa tinha como intuito verificar se conceituação da categoria gramatical “verbo” variava de acordo com o nível de escolaridade. Notamos, portanto, que há pouca distinção para o conceito de verbo em um livro do ensino fundamental I ou ensino médio, as definições são semelhantes, mesmo sendo de edições de anos diferentes. Dessa forma, mesmo que a definição não varie, isso não significa que ela está correta, mas que a falha persiste desde a o ensino fundamental I, sendo necessário, portanto, que os livros didáticos sejam reformulados e abordem os três critérios na definição da classe de palavra. Além disso, é preciso que a união entre conceito e exercício contemple a metodologia ativa, para que o aluno entenda o processo de aprendizagem pelo qual está passando.

Como afirmado no início desta dissertação, o diálogo entre linguística e educação em língua materna no Brasil remontam à década de 70. Desde então há vários estudos analisando diversos temas relevantes e refinando e atualizando termos e conceitos obsoletos, mas ainda presentes na gramática tradicional. Esta pesquisa pretendia alertar para a importância de se observarem além dos conceitos apresentados no materiais didáticos, as atividades propostas nesses materiais, para que os estudantes possam aprender por meio de conceitos corretos e, além disso, para que possam aprender a usar o conhecimento aprendido a seu favor, indo além da memorização e seguindo os objetivos da BNCC.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. **ReVEL**, v. 13, n. 24, 2015.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- _____. **Ensino de gramática? Opressão? Liberdade?** 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOOM, Benjamin et al. **Taxonomy of educational objectives**. The classification of educational goals. Handbook 1 – Cognitive domain. A Committee of College and University Examiners. London: David McKay, 1956.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: SEF, 1997.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: volume 2**. 6. ed. São Paulo: Atual, 2008.
- _____. **Português: linguagens**. 6º ano. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- _____. **Português: linguagens**. 2º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. 2º ano. São Paulo: Saraiva, 2016.
- CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. **Português linguagens**. 6º ano. 9. ed. São Paulo: Atual, 2018.
- CORRÊA, Rosana. MOREIRA, Salette. **Crescer língua portuguesa**. 4º ano. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2017a.
- _____. **Crescer língua portuguesa**. 5º ano. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2017b.
- COSTA, Cibele Lopresti. et al. **Para viver juntos: português: ensino fundamental**, 7º ano. 4. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Cilene da Cunha Pereira (Org.). Rio de Janeiro: Lexicon; Porto Alegre: L&PM, 2017.

ELISEU, André. **Sintaxe do Português**. São Paulo: Caminho, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. 2ª série. Curitiba: Base Editora, 2005.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti. BELHOT, Renato Vairo. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **O estudo dos verbos na educação básica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANCHI, Carlos et al. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola, 2006.

FOLTRAN, Maria José. Ensino de sintaxe: atando as pontas. In: MARTINS, M. A. (Org.). **Gramática e ensino**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2013.

GUERRA VICENTE, Helena; PILATI, Eloisa. Teoria gerativa e “ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Verbum** – Cadernos de Pós-Graduação, n. 2, p. 4-14, 2012.

KATO, Mary Aizawa. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A. et al. (Orgs.). **Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga: CEHUM, 2005. p. 131-145.

LOBATO, Lucia. **Linguística e ensino de línguas**. PILATI, Eloisa et al. (Orgs.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

_____. **O que o professor de ensino básico deve saber sobre linguística?** Fortaleza: SBPC, 2003.

LOURENÇO DA SILVA, Everton. O advento da Morfologia Distribuída. **ReVEL**, v. 8, n. 14, 2010.

LUCKESI, Cipriano. Taxonomia dos objetivos educacionais – sessenta anos depois. **Educatrix**, São Paulo, ano 1, n. 1, set. 2011.

MINUSSI, Rafael Dias. Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo. Enelp. 2019. No prelo.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Linguística, um laboratório a céu aberto. Reflexões sobre o ensino. In: GUESSER, S. (Org.). **Linguística: pesquisa e ensino**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

OLIVEIRA, Tânia Amaral de. et al. **Tecendo linguagens**. 6^o ano. 4. ed. São Paulo: IBEP, 2015.

PILATI, Eloisa. et al. Educação linguística e ensino de gramática na educação básica. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n.2, p. 395-425, jul./dez. 2011.

PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PINILLA, Maria da Aparecida de. Classes de palavras. *In*: VIEIRA, Silva Rodrigues; BRANDÃO, Silva Figueiredo. (Orgs.). 2. ed. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2016.

QUAREZEMIN, Sandra. Notas sobre adjunção – em defesa da iniciação científica nas escolas. *In*: GUESSER, Simone. (Org.). **Linguística: pesquisa e ensino**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

RIO-TORTO, Graça. Nomes deverbais não sufixados e os equívocos da falsa “derivação regressiva” no português brasileiro e europeu. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 31-46, jan./jul. 2018.

RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. **A taxonomia de objetivos educacionais**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

_____. Taxonomias de objetivos em TD&E. *In*: BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. ABBAD, Gardênia da Silva (Orgs.). **Treinamento, Desenvolvimento e Educação em Organizações e Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANCHEZ, Marisa Martins. **Projeto Buriti: português: ensino fundamental – anos iniciais**. 4^o ano. 3. ed. Editora Moderna (Org.). Editora responsável: Marisa Martins Sanchez. São Paulo: Moderna, 2014a.

_____. **Projeto Buriti: português: ensino fundamental – anos iniciais**. 5^o ano. 3. ed. Editora Moderna (Org.). Editora responsável: Marisa Martins Sanchez. São Paulo: Moderna, 2014b.

SILVA, Junia Lorena da. **Contribuições dos pressupostos gerativistas para a educação em língua materna**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VIEIRA, Silva Rodrigues; BRANDÃO, Silva Figueiredo. (Orgs.). 2. ed. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2008.

WILSON, Leslie Owen. Anderson and Krathwohl – Bloom’s Taxonomy Revised. Understanding the New Version of Bloom’s Taxonomy. **The second principle**, 2001.